

# **Sai às quintas** **ZAMBEZE** **ONDE A NAÇÃO SE REENCONTRA**

Director: Ângelo Munguambe | Editor: Egídio Plácido | Maputo, 27 de Fevereiro de 2020 | Ano XIV | n.º 893

**50,00MT**

**Comercial**

**ZAMBEZE**

**Abertas assinaturas  
para 2020**

**TABELA DE PREÇOS**

PERÍODO		
TRIMESTRAL	SEMESTRAL	ANUAL
2.300,00MT	2.900,00MT	4.450,00MT

**MAIS INFORMAÇÕES**

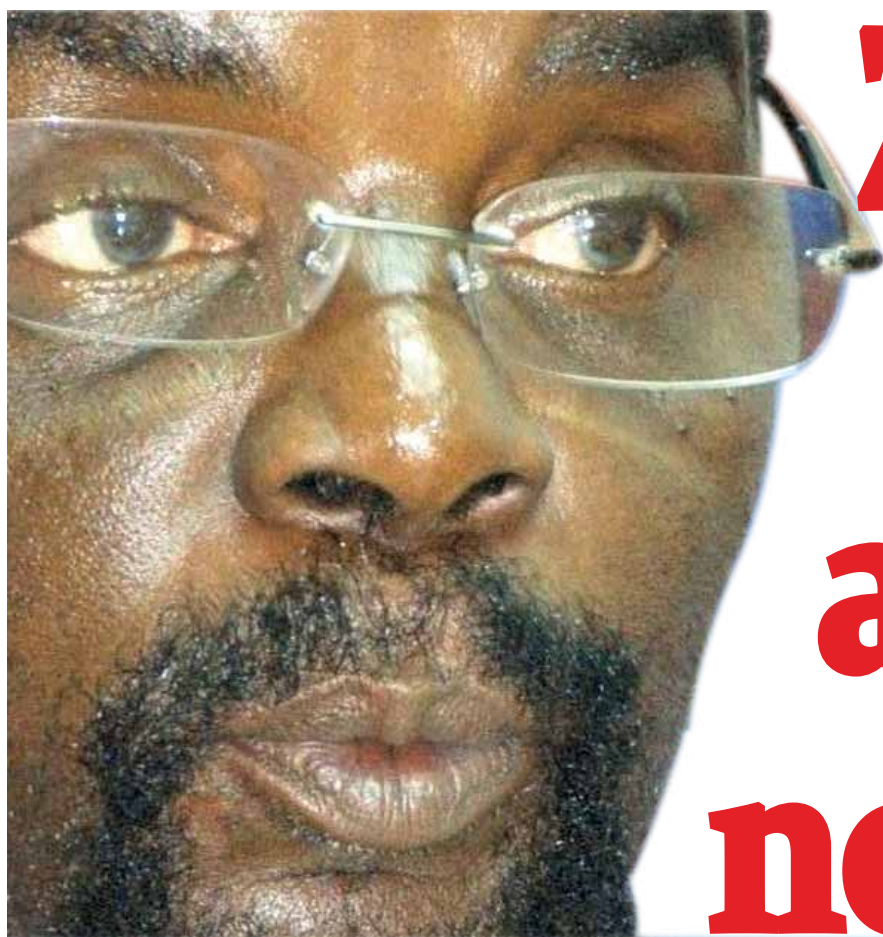
Cell: 82 45 76 070 | 84 26 98 181

Email: esmelifania2002@gmail.com

## **Pesquisador alerta sobre ataques no Norte** **País pode ser um** **Estado falhado**



## **Caso Embraer**



## **Zucula e** **amigos** **aquecem** **no tribunal**

## **MISAU em prontidão** **combativa contra** **novo coronavírus**





Assembleia da República

# Frelimo e Renamo desentendem-se pelo controlo das comissões de trabalho



Numa sessão extraordinária havida semana passada, a Assembleia da República (AR) elegeu os presidentes das 9 Comissões de Trabalho. Nesta sessão, a maioria absoluta da Bancada Parlamentar da Frelimo abocanhou a presidência de 7 comissões, contra duas que serão presididas pela bancada da Renamo, facto que deixou os deputados da “perdiz” indignados. O Movimento Democrático de Moçambique (MDM), terceiro partido mais votado, não vai liderar nenhuma comissão parlamentar. Refira-se que na IX Legislatura ora iniciada, a Frelimo detém uma maioria qualificada de 184 dos 250 assentos parlamentares correspondentes a 73,6%, contra 60 detidos pela Renamo e 6 pelo Movimento Democrático de Moçambique (MDM).

O último dia da primeira sessão extraordinária da AR devia ter iniciado às 10h00, mas só começou por volta das 14h00, devido ao desentendimento entre a Frelimo, bancada maioritária, e as bancadas da oposição (Renamo e MDM).

Em causa estava a vontade da Renamo e do MDM de presidir algumas comissões consideradas “importantes” – tal é o caso da 1ª Comissão – o que não foi possível. Das nove comissões, a Renamo ficou com as duas últimas. O MDM estava excluído das comissões e exigia o cumprimento do regimento da Assembleia que determina que a representação nas comissões é em função da existência de bancada e não distribuição pro-

porcional em função da dimensão dos grupos parlamentares.

Em representação da bancada parlamentar da Renamo, Venâncio Mondlane manifestou o seu desconforto e agastamento com a situação, tendo considerado que a Frelimo mostrou “tamanha intolerância” na escolha das comissões em seu poder.

Segundo o deputado, o Chefe de Estado, Filipe Nyusi, e a presidente da AR, Esperança Bias, “nos seus discursos inaugurais da presente Legislatura acalentaram e impulsionaram uma grande esperança” aos moçambicanos e à “comunidade internacional”, dizendo que “as maiorias qualificadas nunca podem ser usadas para desvirtuar a nobreza dos mais altos valores do diálogo construtivo, de abertura para o pensar diferente e para as ideias das minorias”

**Por força do regimento e do princípio da proporcionalidade, temos deputados parte de duas comissões e do conselho de administração da Assembleia da República, faremos tudo para honrar o voto que nos foi confiado pelo eleitorado**

Entretanto, tal não foi observado na indicação dos presidentes das comissões de trabalho do Parlamento. O que aconteceu, prosseguiu Venâncio Mondlane, “é uma verdadeira contradição com todo o conteúdo da resolução” que aprovada a eleição dos presidentes das comissões em alusão.

sulta do regimento e do princípio da proporcionalidade.

“Por força do regimento e do princípio da proporcionalidade, temos deputados parte de duas comissões e do conselho de administração da Assembleia da República, faremos tudo para honrar o voto que nos foi confiado pelo eleitorado”, disse.

## Composição da presidência das comissões

A 1ª Comissão – Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e de Legalidade – é presidida pelo deputado António Boene, tendo como vice Osório Soto, e José Mantegás assumiu a função de relator.

António Niquice, coadjuvado pela colega Sernilda Mendonça, foi eleito presidente da 2ª Comissão, também denominada Comissão do Plano e Orçamento.

A 3ª Comissão – Comissão dos Assuntos Sociais, do Género, Tecnologias e Comunicação Social – é presidida por Lúcia Mafuiane.

Para presidir a Comissão da Administração Pública e Poder Local (4ª Comissão), a AR chancelou a vontade da Frelimo de ter Francisco Mucanheia na presidência, enquanto Momade Juízo vai dirigir a Comissão de Agricultura, Economia e Ambiente (5ª Comissão).

A Comissão de Defesa e Ordem Pública, também designada 6ª Comissão, está nas mãos de Raimundo Diomba, que no Executivo anterior foi governador da província de Maputo.

A Comissão das Relações Internacionais, Cooperação e Comunidades (7ª Comissão), é presidida por Catarina Dimande, coadjuvada por Luciano de Castro.

A 8ª Comissão – Comissão de Petições, Queixas e Reclamações – será dirigida por Álvaro Faquir, e a 9ª Comissão, igualmente chamada Comissão de Ética Parlamentar, está sob comando de Abiba Abá, coadjuvada por Ivone Soares.

O novo parlamento foi empossado em Janeiro e a primeira sessão ordinária deverá ser agendada pela Comissão Permanente para ocorrer durante o mês de Março.



Pesquisador moçambicano João Feijó

## País corre **risco de se tornar um Estado falhado**



O pesquisador moçambicano João Feijó defende que Moçambique corre o risco de se tornar num “Estado falhado” com os ataques armados na província de Cabo Delgado, alertando para a possibilidade do conflito atingir proporções de uma guerra civil.

pulações e redes sociais.

A gestão do conflito em Cabo Delgado será um desa-

**A persistência do conflito, a aparente capacidade de recrutamento de jovens locais e descontentes e a hipótese de existência de uma base social de apoio, aumentam o risco de transformação do conflito numa guerra civil**

fio “sério” para as autoridades moçambicanas, regionais, agências internacionais de desenvolvimento e organizações locais, acrescenta.

A actual legislatura terá de garantir segurança das populações, reforçar efectivo militar e de inteligência, cooperação internacional, com meios próprios e formação em termos de direitos humanos, sugere.

Criação de investimentos inclusivos, formação agropecuária, transporte, comércio, oficinas entre outros são formas de travar os grupos armados.

Os ataques armados na província de Cabo Delgado, onde nascem os mega-projectos de gás natural, já provocaram, pelo menos, 350 mortos e afectaram 156.400 pessoas.

Nunca houve uma reivindicação da autoria dos ataques, com excepção para comunicados do grupo “jihadista” Estado Islâmico, mas cuja presença no terreno especialistas e autoridades consideram pouco credível. (Lusa)

“Quando chegamos a uma situação em que o Estado não consegue exercer as funções essenciais, que devem garantir a administração do território, providenciar assistência médica e educação, o risco é do país se transformar num Estado falhado”, disse à Lusa João Feijó, pesquisador da Organização do Meio Rural (OMR) e docente universitário.

Para João Feijó, os ataques armados, que têm afectado distritos da província de Cabo Delgado, resultam de “históricas contradições socioeconómicas” na região e estão a ser exploradas por “movimentos religiosos radicais e violentos”, capitalizando um alegado descontentamento de milhares de jovens que se sentem excluídos.

O Estado “economicamente frágil revela hoje incapacidade de garantir segurança aos seus funcionários e das populações, invalidando a administração do território”, frisou.

De acordo com o pesquisador, as evidências deixam transparecer a existên-

cia de um “grupo de rebeldes com organização militar”.

“A persistência do conflito, a aparente capacidade de recrutamento de jovens locais e descontentes e a hipótese de existência de uma base social de apoio, aumentam o risco de transformação do conflito numa guerra civil”, alertou.

Feijó considera que se trata de uma situação “embaraçosa” para o Governo, acusando o executivo moçambicano de estar a tentar ocultar a “realidade no terreno”, colocando obstáculos a jornalistas e investigadores no acesso à informação.

O pesquisador observa que a necessidade de aumentar militares no terreno tem implicações nas contas públicas e no custo de investimento pelas multinacionais, com impacto na renegociação dos contratos e fragilizando o Estado, anota.

Por outro lado, a nível social, o abandono das zonas de colheitas devido a violência faz antever uma “crise humanitária” em Cabo Delgado, acrescenta.

O pesquisador considera que o Governo apresenta números “claramente deflacionados” em relação aos apresentados pelas po-

## Conselho Cristão disponível para mediar crise interna na Renamo



O Conselho Cristão de Moçambique manifesta-se disponível para mediar a crise interna na Renamo, onde um grupo de dissidentes exige a renúncia do presidente do partido, ameaçando voltar às armas.

“É nossa vontade [mediar a crise], mas não há nada que mostre que isso possa ocorrer”, disse à Lusa Felicidade Xerinda, presidente do Conse-

lho Cristão de Moçambique.

O desentendimento no seio da Renamo provocou dissidência de parte da sua ala militar, que diz não concordar com os termos do processo de Desmilitarização, Desarmamento e Reintegração (DDR) e exige a renúncia do presidente do partido, Ossufo Momade.

A ala militar, que se auto-intitula “Junta Militar”, é

acusada pela Polícia da República de Moçambique de praticar ataques armados na zona centro do país.

Os ataques têm-se registado nas províncias de Manica e Sofala, nos dois principais corredores rodoviários do país, a EN1, que liga o Norte ao Sul do país, e a EN6, que liga o porto da cidade da Beira ao Zimbabué e restantes países do interior da África Austral.

As incursões, que já causaram pelo menos 22 mortos desde Agosto do ano passado, acontecem num reduto da Renamo e as autoridades moçambicanas têm acusado os guerrilheiros do partido que permanecem na região.

Oficialmente, a Renamo rejeita qualquer tipo de ligação com os dissidentes, que estão a ser liderados por um antigo general de confiança de Afonso Dhlakama, histórico líder do partido que morreu a 03 de Maio de 2018. (Lusa)



## Caso Embraer

# Zucula e seus sequazes **voltam** hoje à barra de tribunal

Caso não haja adiamento, como tem sido praxe em casos badalados, inicia esta quinta-feira, 27 de Fevereiro, o julgamento do antigo ministro dos Transportes e Comunicações, Paulo Zucula, do ex-presidente do Conselho de Administração das Linhas Aéreas de Moçambique-LAM, José Viegas e do antigo gestor da empresa norte-americana General Electrics no país, Mateus Zimba.

**O**s três dirigentes são acusados de estar envolvidos no alegado esquema de corrupção na compra de aviões Embraer.

O Ministério Público acusa Paulo Zucula nos crimes de participação económica em negócios e branqueamento de capitais. Sobre José Viegas pesa o crime de branqueamento de capitais, enquanto Mateus Zimba é acusado no crime de participação económica em negócios e branqueamento de capitais.

Com os factos ocorridos en-

tre 2008 e 2010, o processo foi instaurado a 5 de Julho de 2016, tendo o esquema de corrupção envolvido o pagamento de 800 mil dólares aos arguidos, como condição para a Embraer vender as duas aeronaves à LAM.

De acordo com a acusação, para lograr os seus intentos e perante a impossibilidade de a Embraer pagar uma comissão, um gestor sénior da LAM concertou com esta empresa uma sobrefacturação do custo das aeronaves para daí obter a diferença entre o preço real e o constante da factura.

A negociação, segundo



revelam os dados que constam do processo, envolveu a criação, no estrangeiro, de uma empresa que abriu uma conta bancária para a qual foi transferido o valor resultante do esquema de corrupção. A aquisição das aeronaves

foi efectuada com recurso a um empréstimo bancário, concedido por um banco moçambicano, mediante garantias emitidas pelo Estado.

Em relação a este negócio, em Abril de 2016, um juiz federal de Nova Iorque condenou

a construtora brasileira Odebrecht a pagar uma multa de 2,6 mil milhões de dólares (2,3 mil milhões de euros) pelo escândalo dos subornos em países de África e América do Sul.

Refere-se se que o antigo ministro está detido no Estabelecimento Prisional de Maputo, no âmbito do processo nº 58/GCCC/17-IR, em que é suspeito de ter recebido valores que variam entre 135 mil dólares e 315 mil dólares para facilitar a adjudicação de obras do Aeroporto de Nacala, na província de Nampula, à Odebrecht.

Num outro, julgado em Março do ano passado, Paulo Zucula foi condenado a 14 meses de prisão por ter autorizado o pagamento de salários indevidos a gestores do Instituto de Aviação Civil de Moçambique (IACM), uma pena que não chegou a cumprir por ter sido convertida em multa.

## Para evitar recrutamento de jovens

## Polícia **pede apoio das comunidades**

**O** comandante-geral da polícia, Bernardino Rafael, pediu o envolvimento das comunidades para evitar o recrutamento

de jovens por grupos que têm protagonizado ataques armados em Cabo Delgado.

“Pedimos as comunidades para alertar a juventude para evitar ser recrutada para engrossar as fileiras dos mal-

feitores”, disse Bernardino Rafael, falando num encontro com líderes comunitários na província de Cabo Delgado, citado pela Agência de Informação de Moçambique (AIM).

O comandante geral da polícia disse que as autoridades interceptaram, recentemente, cerca de 250 jovens provenientes da província de Nampula e que estavam a caminho de Cabo Delgado para se juntar a grupos armados que têm protagonizado ataques na província.

“As Forças de Defesa e Segurança estão a trabalhar para melhorar a ordem e segurança públicas na província de Cabo Delgado”, acrescentou o comandante-geral da PRM.

Entretanto, o ministro do Interior de Moçambique disse numa recente visita à Luanda, Angola, a situação que se vive em Cabo Delgado é bastante preocupantes.

Em declarações aos jornalistas, Amade Miquidade

frisou que, apesar de preocupante, a situação está sob controlo das autoridades.

Segundo o governante moçambicano, está-se em presença de “indivíduos sem rosto” e que “não se identificam”.

“Não sabemos qual é o propósito que os faz massacrar, mas não existe qualquer propósito que leve a que indivíduos matem pessoas inocentes, homens, velhos, crianças, esquartejem estas mesmas vítimas, incendeiem as aldeias, ataquem centros de saúde, assim como outras instituições a nível dos distritos de Cabo Delgado”, disse.

O ministro do Interior de Moçambique realçou que apesar de as forças de defesa de segurança estarem no local, os atacantes “actuam com meios sofisticados”.

“São indivíduos - temos conhecimento, informação, do envolvimento de indivíduos de outras nacionalidades - e nunca

disseram qual era o propósito da actuação, portanto, não está fora de controlo, mas está bastante preocupante, sobretudo quando morre um cidadão inocente, é preocupação, e naquele caso morrem vários”, referiu.

Instado a revelar as nacionalidades envolvidas nesses ataques, Amade Miquidade escusou-se a avançar pormenores, mas garantiu que as autoridades daquele país lusófono não têm dúvidas “que esteja alguém de fora a financiar estas actividades”.

Os ataques armados na província de Cabo Delgado, onde nascem os mega-projectos de gás natural, já provocaram, pelo menos, 350 mortos e afectaram 156.400 pessoas.

Nunca houve uma reivindicação da autoria dos ataques, com excepção para comunicados do grupo “jihadista” Estado Islâmico, mas cuja presença no terreno especialistas e autoridades consideram pouco credível.





Não obstante desafios do sistema de saúde

# Governo em prontidão combativa contra covid-19



LUÍS CUMBE

**A Organização Mundial da Saúde aponta a África como o continente menos preparado para enfrentar a epidemia Covid-19 pelo nível de precariedade que apresentam os sistemas de saúde. No entanto, o Governo garante ter reunido condições para o diagnóstico de, pelo menos, 500 primeiros casos de suspeita do novo coronavírus (Covid-19).**

**N**o continente africano, parte considerável de países, incluindo Moçambique, não possui material necessário para fazer face à doença, o que constitui preocupação em caso de uma eventual eclosão do Covid-19. No entanto, o Governo diz ter reunido condições básicas para o diagnóstico de, pelo menos, 500 primeiros casos de suspeita.

De acordo com as autoridades, a capacidade de diagnóstico laboratorial é até ao nível da província e cidade de Maputo, a partir do parque de Maluana, prevalecendo desafios de expansão da rede do diagnóstico laboratorial para outras províncias do país. Para já, na eventualidade de eclosão da epidemia, o Governo espera apoio da OMS e do laboratório de refe-

rência da vizinha África do Sul.

A doença causa sintomas semelhantes aos da gripe, entre os quais febre, tosse, falta de ar, dores musculares, fadiga; com possíveis complicações, o desconforto respiratório agudo, sepsia, choque séptico e morte, o que demanda uma maior capacidade para lidar com um número elevado de pacientes a procurar pelos serviços de saúde, incluindo a questão de que não existe tratamento específico, sendo administradas medidas para alívio dos sintomas e suporte das funções vitais.

Falando no balanço semanal sobre medidas de prevenção em curso, a directora nacional de Saúde Pública, Rosa Marlene, referiu que todos os passageiros vindo da China e em particular de Hubei, província chinesa onde surgiu o coronavírus são sujei-

tos à medidas de quarentena.

No âmbito destas medidas, perto de 500 pessoas foram aconselhadas a permanecer em quarentena domiciliar de um total de 113.674 passageiros que atravessaram das diversas fronteiras aéreas, terrestres e portuárias no país, até no passado 23 de Fevereiro corrente.

Do total de 215 pessoas actualmente mantidas em quarentena domiciliar, 152 estão na cidade de Maputo, 41 em cabo Delgado, 9 em Sofala, 6 em Nampula, 4 na província de Maputo e 3 na província de Zambézia.

As autoridades de saúde garantem haver contacto diário com os passageiros em quarentena no sentido de controlar casos de uma eventual doença Covid-19, não tendo sido até então ainda registado algum caso.

“Continuamos a dar orientações às províncias no sentido de reforçar as medidas de prevenção. Reforçar o rastreio no sentido de melhorar a capacidade de identificar ao longo das fronteiras terrestres, nos portos e nos aeroportos das pessoas que tiveram possível contacto com pessoas doentes”, apelou Marlene.

## Deficiente contacto com bolseiros moçambicanos e a embaixada

De acordo com Eduardo Saranga, representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação na província de Hubei, onde surgiu o coronavírus, encontram-se 24 estudantes moçambicanos em virtude de alguns terem-se deslocado daquele ponto do país.

Apesar dos estudantes em segurança, uma vez tendo sido sitiada a província de tal forma que ninguém entra ou sai daquele ponto, este cenário dificulta o contacto com a embaixada moçambicana para uma orientação ou para caso de possível regresso voluntário.

“As autoridades chinesas têm levado mantimentos para este grupo de moçambicanos, mas não só moçambicanos nesta província de Hubei, estamos a falar de um universo de mais de 5 mil estudantes estrangeiros dos quais 24 são os nossos co-cidadãos”, disse Eduardo Saranga

## “Fragilidade do sistema de saúde de África pode

## comprometer capacidade de resposta”

Num encontro mantido em Adis Abeba de ministros da Saúde dos países da União Africana (UA), o director-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, pediu que os países que compõem o continente façam uma frente comum para ser mais combativos na luta contra o novo coronavírus.

No mesmo encontro o presidente da Comissão da União Africana, Moussa Faki Mahamat, pediu às autoridades africanas que tomassem medidas drásticas de prevenção e de controlo em relação ao novo coronavírus.

Mais de 80% de casos registados no mundo provém da província chinesa de Hubei. Até o momento, o Egipto é o único país da África em que há a confirmação de um caso de contaminação, tendo tido com, pelo menos 17, indivíduos, mas depois de mantidos em quarentena durante 14 dias foram dispensados não tendo desenvolvido a doença.

Há o desafio de que os países africanos tenham como realizar testes para a detecção do vírus, no entanto, em três semanas, o número de países capazes de fazer esses testes passou de dois para 26.

Várias companhias aéreas africanas, como a Kenya Airways, suspenderam os voos que tinham a China como destino, com excepção da Ethiopian Airlines, a maior empresa do sector no continente que mantém suas conexões.

O número de casos do Covid-19 subiu para 78.811 no passado 24 de Fevereiro, dos quais 77.042 registaram-se na China, tendo sido registadas 2.462 mortes, 114 a mais que no último balanço. Mais de 97% de mortes ocorreram na China.

Estão entre os países que também registaram mortes a Coreia do Sul, Itália, Japão, Irão, Filipinas e a França. Apesar das mortes que continuam a registar-se considera-se a taxa de letalidade baixa, avaliada em 3.1%, ou seja, das pessoas doentes em relação ao número de óbitos continua uma taxa de letalidade baixa.



ALMADINA

Sheikh Aminuddin Mohamad

# A importância da progénie e linhagem

**Q**uem pesquisa a história da Humanidade chega à conclusão que o sistema familiar, a importância da preservação (não-mistura) da linhagem e progénie, a aversão à promiscuidade, a fidelidade (não-traição conjugal), são questões naturais e psicológicas.

Até os primitivos, os ateus, os pagãos, os bárbaros, os que não acreditam em nenhuma religião, etc., também dão importância a esses a isto, apesar de as pessoas divergiem nas leis que cada grupo ou sociedade estabelece.

Desde os primórdios da Humanidade portanto, desde o primeiro Homem, todas as civilizações que se lhe seguiram deram sempre grande importância ao casamento, incentivando-o, e também encorajando o abandono da vida solitária. Consideravam a traição conjugal um crime, incorrendo-se em vários tipos de penalidades. Todos eles condenavam o adultério, considerando-o um acto tão mau quanto detestável.

Consta na Bíblia – Mateus 5, Vers. 27 - 30: “Vocês ouviram o que foi dito. Não adulterarás. Mas eu lhes digo: Qualquer um que olhar para uma mulher, para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração. Se o seu olhar direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ele ser todo lan-

çado no Inferno. E se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ir todo ele para o Inferno”.

E consta ainda no Coríntios 6: “Vocês não sabem que os seus corpos são membros de Cristo? Tomarei eu os membros de Cristo e os unirei a uma prostituta? De maneira nenhuma! Vocês não sabem que aquele que se une a uma prostituta é um corpo com ela.....?”

Fujam da imoralidade sexual. Todos os outros pecados que alguém comete, fora do corpo os comete, mas quem peca sexualmente, peca contra o seu próprio corpo”.

O Islã exorta-nos a proteger a progénie e a linhagem, componentes familiares a que atribui uma grande importância. Consta no Qur’ân, Cap. 33, Vers. 5:

“*Chamai-os pelos nomes de seus pais (biológicos). Isso é mais justo perante Deus. Mas, se não conheceis seus pais, então (considerai-os) vossos irmãos na fé, e vossos aliados (protegidos)*”.

O Profeta Muhammad (S.A.W.) diz que são amaldiçoados aqueles que mudam a sua filiação.

A família tem uma grande importância na religião, mas infelizmente, nos dias que correm, não se lhe atribui a importância que merece. O que nos é dado ver são famílias quebradas, em que os pais já não têm nem autoridade, nem qualquer influência moral ou intelectual

sobre seus filhos, pois em nome da liberdade e da privacidade estes acham-se no direito de fazer o que bem lhes apetece, ainda que estejam a viver sob o tecto da casa paterna, e como consequência de tudo isso, vemos famílias desintegradas. As crianças nascem fora do casamento, ser mãe solteira tornou-se vulgar, muitos filhos não conhecem os seus pais excepto em ocasiões especiais, progenitores são atirados para asilos e lares de idosos, crianças crescem em creches e com muito pouco contacto com os pais enfim, uma infinidade de situações que em nada ajuda na preservação de valores morais na sociedade.

O Islã honra grandemente a mulher como mãe, como filha, como esposa, ou como irmã.

Consta que certa vez um homem foi ter com o Profeta Muhammad (S.A.W.) e perguntou: “Nas pessoas, quem tem mais direito à minha companhia?” O Profeta respondeu: “A tua mãe”. O homem perguntou de novo: “E a seguir?” O Profeta deu-lhe a mesma resposta: “A tua mãe”. O homem voltou a perguntar: “E a seguir?” O Profeta insistiu na resposta: “A tua mãe”. Só à quarta vez que o homem perguntou quem a seguir à mãe merecia a sua companhia, o Profeta (S.A.W.) respondeu: “O teu pai”.

E o Profeta Muhammad (S.A.W.) disse: “Quem tiver três filhas, criá-las e educa-las da melhor forma, entrará no Paraíso”.

E disse: “O melhor de entre vós é aquele que me-

lhor trata a sua esposa, e eu sou o melhor de entre vós a tratar as minhas esposas”.

O Islã dá grande ênfase ao bom tratamento à esposa. E mais. Deu à mulher a opção (poder) de escolha do marido, incumbindo-lhe uma grande parte da responsabilidade na criação dos filhos, juntamente com o pai.

Estabeleceu um importante papel a cada membro da família na criação dos filhos, considerando cada um deles um pastor.

A adopção no Islã é permitida, particularmente se se tratar de um órfão, o que é um acto nobre. Porém, não se deve mudar a filiação do adoptado, pois este não pode ser igual aos filhos biológicos. Se o adoptado já tem um nome, já se lhe conhece o pai, como então se lhe atribui outro nome, outro pai? Como é possível ter-se dois pais? Não é possível ter-se dois corações em simultâneo.

Da mesma forma que a religião nos exorta a proteger a progénie, a cuidar da família, a observar os direitos e deveres, também nos ordena a salvaguarda dessa estrutura contra tudo aquilo que possa afectá-la ou ameaçar a sua estabilidade.

Para tal é necessário que as crianças tenham uma base forte e cresçam com uma fé em Deus bastante sólida. É igualmente indispensável que se lhes transmitam e ensinem os preceitos religiosos autênticos, bem como o bom comportamento moral.

As instituições religiosas como as mesquitas e as madrasas (escolas religiosas), sob orientação de teólogos de com-

provada competência, podem contribuir muito ao desenvolver programas e actividades que tenham como foco a transmissão de valores morais às crianças.

Há muita gente que atribui como causas dos problemas nas famílias, as instituições culturais e informáticas, por via dos seus programas. Se por um lado isso possa ser verdade, por outro, tais instituições também podem perfeitamente constituir veículos para um enquadramento mais desejável através de programas mais construtivos, através de livros, revistas, jornais, televisão, internet, etc.

O celibato tem sido uma questão que preocupa muita gente, já que transporta consigo muitos problemas, pelo que se devem procurar formas de facilitação de casamentos, evitando-se as festas faustosas em que se gastam valores exorbitantes.

O casamento é um meio lícito para se garantir a continuidade da espécie humana, e salvaguardar a Humanidade contra a proliferação da promiscuidade, da devassidão e do sexo libertino.

As religiões sempre apresentaram alternativas e soluções para os problemas que vivemos.

Há gente que acha que se pode deixar a religião de lado e apresentar soluções na base das leis inventadas, achando que para se alcançar algo todos os meios são válidos. Esses, acreditam na sobrevivência do mais forte, e que a vida é para ser vivida, ou como se diz na gíria comum, “para ser curtida”, qual lei da selva.

Comercial

**ANUNCIE NO**  
**ZAMBEZE**

**Departamento Comercial**

**Contactos:** (+258) 82 307 3450

(+258) 824576070 | (+258) 84 269 8181

**E-mail:** [esmelifania2002@gmail.com](mailto:esmelifania2002@gmail.com)

[esmelifania2002@yahoo.com.br](mailto:esmelifania2002@yahoo.com.br)



ELÍSIO MACAMO

# Merecer o Descanso

Já não me lembro se foi no dia 21 ou 22 de Junho de 1975. Só sei que foi dias antes da proclamação da independência. A minha beleza precoce (suponho) levou as gentes da cidade de Xai-Xai a indicarem a Delfina Zaqueu (Lolota) e a mim como os “continuadores” que iriam dar a prenda da cidade aos ilustres visitantes. Eram eles Samora Machel e Marcelino dos Santos na sua viagem triunfal do “Rovuma ao Maputo”. Ambos deram-me “upa” depois de lhes presentearmos com uma saia de palha para a dança de “xingomana” (matxika) e o Marcelino ainda me ofereceu as bochechas para eu lhe dar “bá”. Tinha 10 anos. O embaraço (que até hoje ainda sinto) foi compensado, na altura, pelo estatuto de celebridade que ganhei durante alguns dias.

Voltei a ter contacto directo com Marcelino dos Santos na Cidade da Praia, em Cabo Verde, em 2005 se não estou em erro. Ambos estávamos a participar num simpósio sobre Amílcar Cabral. Passámos uma manhã inteira a conversar no restaurante do hotel, onde ambos estávamos alojados. Até perdemos a sessão dessa manhã por causa disso. Eu andava ainda com a mente ocupada pela recensão crítica que havia feito ao livro de Barnabé Nkomo sobre Uria Simango. Embora tivesse criticado o livro duramente do ponto de vista metodológico ele tinha levantado questões importantes demais para serem apenas ignoradas só porque a metodologia era problemática, algo que deixei vincado no último parágrafo da minha recensão quando escrevi que mesmo se só 1 por cento do conteúdo fosse verdade, os libertadores da pátria tinham a obrigação de vir a público dizer o que realmente tinha acontecido.

Marcelino dos Santos era bom conversador. Tão bom, na verdade, que conseguiu evadir as minhas perguntas sobre Uria Simango para falar de Amílcar Cabral e sua relação com o Partido Comunista

português, relação essa que ele não via com bons olhos. Sobre Simango quedou-se nas platitudes habituais, o que me deixou completamente insatisfeito. Seria imbecil negar o importantíssimo papel histórico de Marcelino dos Santos na fundação da nossa nacionalidade. Por isso, embora tenha uma opinião firme em relação à questão do estatuto de “herói” (que é igual a que tenho em relação a Samora Machel), não me parece que essa seja a discussão mais interessante a fazer por ocasião do seu desaparecimento físico. Para mim, e tenho vindo a pregar isto há anos, a questão é saber como lidar com a proclamação da independência e o que a maneira como esta proclamação foi feita tem a ver com os problemas que ainda hoje temos no país. Tenho em mim que, enquanto não encontrarmos uma maneira de discutir esta fase da nossa história, dificilmente teremos os recursos intelectuais e políticos necessários à compreensão dos desafios políticos que o país enfrenta.

Há, para mim, um sentido em que a Frelimo traiu a sua própria luta. Lutou contra o colonialismo português e, no processo, uma parte importante do movimento desenvolveu um ideal de sociedade que correspondia aos seus anseios, não necessariamente aos anseios dos moçambicanos, mas que ela confundiu com os verdadeiros anseios do povo. O momento da traição consistiu em pensar que o facto de ter liderado a luta anti-colonial conferia à Frelimo a prerrogativa não só de definir o que Moçambique seria como também de se auto-proclamar intérprete infalível da vontade do povo. Ao invés de apostar na construção dum Estado que protegesse os recém-nascidos moçambicanos do tipo de excessos que o regime colonial tinha cometido na sua arrogância civilizacional, a Frelimo adoptou o mesmo tipo de arrogância, desta feita “socialista”, para manter a prerrogativa de violar a dignidade humana dos novos sujeitos a coberto duma

narrativa de boas intenções.

As execuções sumárias de “traidores” duma pátria que não existia cabem aqui. Simango, Simeão, Gwendjere e outros não foram executados – em circunstâncias que, oficialmente, continuam desconhecidas no país – porque “traíram” a pátria. Foram executados porque o seu pensamento diferente – não importa se bom ou não – punha em causa a prerrogativa da Frelimo de definir quem era “verdadeiramente”

**Os problemas da traição da própria luta não se reduzem aos poderes excessivos do Presidente. Reduzem-se a uma cultura política profundamente enraizada na Frelimo**

moçambicano e, por via disso, de interpretar a sua vontade. Não foi a crença no “marxismo” que levou os “libertadores da pátria” a cometerem este e outros excessos como, por exemplo, as execuções públicas, a “Operação Produção”, a re-introdução de castigos corporais no sistema penal (o famoso “xamboco”). Foi o exercício dum poder absoluto cuja moderação dependia apenas dos detentores do poder. Foi a ideia de que quando alguém tem boas intenções

não é necessário nenhum controlo sobre o seu poder. Vem dessa convicção o poder excessivo que o Presidente da República em Moçambique tem e que tem sido um grande obstáculo à democratização do país. Devo referir aqui que já antes de Gilles Cistac o fazer, eu criticava estes poderes excessivos e, num texto, cheguei a exortar Guebuza a perguntar a si próprio se gostaria que o seu pior inimigo tivesse os mesmos poderes que ele tinha como Presidente.

Os problemas da traição da própria luta não se reduzem aos poderes excessivos do Presidente. Reduzem-se a uma cultura política profundamente enraizada na Frelimo – e, curiosamente, mesmo nos partidos de oposição e na sociedade civil – segundo a qual fazer política é trabalhar para o bem do povo – o que até não é mentira. O problema disto é que se cai facilmente na lógica dos fins que justificam os meios, razão pela qual a Frelimo cometeu os excessos do seu período glorioso, a Renamo se entregou (e continua) à orgia da violência contra inocentes na sua luta pela democracia e, ainda hoje, grande parte da chamada sociedade civil não vê nenhum limite ético ao que faz por estar convencida de que é pelo bem. O artigo 146 da nossa constituição contém uma frase simples, mas profunda, na sua alínea 2, nomeadamente a seguinte: “O Chefe do Estado é o garante da Constituição”. O artigo 150, sobre o juramento, reitera esta alínea: “Juro, por minha honra, respeitar e fazer respeitar a Constituição, desempenhar com fidelidade o cargo de Presidente da República de Moçambique, dedicar todas as minhas energias à defesa, promoção e consolidação da unidade nacional, dos direitos humanos, da democracia e ao bem-estar do povo moçambicano e fazer justiça a todos os cidadãos.”

Nunca nenhum Presidente de Moçambique viu nestas alíneas o verdadeiro objetivo e conteúdo da política.

O silêncio ensurdecedor do actual chefe do estado quando pessoas da sua confiança proferem ameaças contra órgãos de informação é, infelizmente, prova disso. A trapalhice que foi o acordo de paz definitiva com a criação dum órgão que efectivamente mandou às urtigas o direito que o povo tem de escolher os seus representantes e por eles ser governado constitui mais uma confirmação disso. A traição da luta da Frelimo pela própria Frelimo levou-nos até aqui. Acho piada sem graça quando estes “revolucionários” são celebrados como a virtude em pessoa, os íntegros e infalíveis quando, na verdade, devemos a eles o adiamento da construção de Moçambique como nação erguida sobre os escombros da dominação colonial graças, curiosamente, à sua valentia.

O que quero dizer é que o tempo urge. Eles vão morrendo porque o relógio biológico é implacável. Duvido que encontrem descanso lá do outro lado enquanto nós, como nação, não tivermos coragem de nos reconciliarmos com a nossa história. Essa reconciliação passa por reconhecermos uma verdade ética incontornável: nada, absolutamente nada mesmo, justifica tirar a vida de seja quem for apenas porque essa pessoa teve a ousadia de pensar diferente. Precisamos desse reconhecimento para repensarmos a nossa arquitectura política, desta feita assente na protecção dos direitos dos moçambicanos, não na promoção da prerrogativa dos detentores do poder para nos fazerem felizes para todo o sempre. Eles podem não admitir isto, mas não me surpreenderia se muitos dos libertadores tivessem necessidade deste exorcismo para também se libertarem de muitos temores que populam a sua consciência. Precisam da nossa ajuda.

Não custa nada pedir desculpas. Bom, só custa perder arrogância. É um preço insignificante para o grande benefício que vai ser recuperar o verdadeiro projecto de independência.



MAPUTADAS

- **“O país perdeu um nacionalista convicto, um exímio economista, um lutador pela justiça, liberdade e igualdade, cuja grandeza de alma é uma lição que permanecerá enraizada nos moçambicanos” – Filipe Nyusi.**
- **Inda guady pary iango Mário\* – Joaquim de Carvalho**

**\*Inda guady pary iango  
Mário - Descanse em PAZ,  
vá em PAZ meu amigo...**

<div><div><div>Ficha Técnica</div><div>Ficha Técnica</div><div>Ficha Técnica</div></div><div><div><div><div>ZAMBEZE</div><div>QUE A MÃO DE BOMCEITAS</div></div></div></div><div><div>Ficha Técnica</div><div>Ficha Técnica</div><div>Ficha Técnica</div><div>Ficha Técnica</div><div>Ficha Técnica</div><div>Ficha Técnica</div><div>Ficha Técnica</div><div>Ficha Técnica</div><div>Ficha Técnica</div><div>Ficha Técnica</div></div></div>			<div><div>Director: Ângelo Munguambe   Cell: 84 562 3544 (E-mail: munguambe2@hotmail.com)</div><div>Editor: Egídio Plácido   Cell: 82 592 4246 ou 84 771 0584 (E-mail: egidioplacidocossa@gmail.com)</div><div>Redacção: Ângelo Munguambe, Egídio Plácido e Luís Cúmbe</div><div>Colaboradores: Dávio David e Elton da Graça</div><div>Colunistas: Sheikh Aminuddin Mohamad, Cassamo Lalá, Francisco Rodolfo e Samuel Matusse</div></div>	<div><div>Grafismo: NOVOMedia, SARL</div><div>Fotografia: José Matlhombe</div><div>Revisão: AM</div><div>Expansão: Adélio Machaieie (Chefe), Cell: 82-578 0802 (PBX) 82-307 3450</div><div>Publicidade: Esmeralda do Amaral Cell: 82-457 6070   84-269 8181   82-307 3450 (PBX) esmelifania2002@yahoo.com.br</div><div>Impressão: Sociedade do Notícias S.A</div></div>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------





CASSAMO LALÁ\*

SOBRE O AMBIENTE RODOVIÁRIO

## A tecnologia avançada e os carros autónomos

**D**e uns anos para cá as revistas de especialidade automóvel têm vindo a anunciar novas tecnologias aplicadas nos carros com vista a melhorar a fluidez, economia e segurança rodoviárias, facilitando a vida dos automobilistas e substituindo-os até nalgumas funções de comando do carro. Por exemplo:

— Há veículos que não precisam da acção do condutor para estacionar, uma manobra que não é dominada por muitos automobilistas;

— Há veículos equipados com radares que, a uma determinada velocidade, quando surge um perigo e o condutor tarda a travar, o sistema montado substitui o condutor na acção de travagem;

— Há veículos com sistema de navegação designado por GPS que orientam o condutor a ir até um determinado destino quando este não conhece o itinerário a seguir;

Muitos destes desenvolvimentos da ciência que estão agora sendo aplicados na indústria automóvel, já foram experimentos e aplicados em material ou equipamento bélico. Um dos exemplos que pode ser dado é o do “drone” que foi usado recentemente pelos americanos para eliminar um general do Irão, cuja acção foi comandada à distância.

Toda esta tecnologia que está agora sendo aplicada nos carros autónomos vai ser revolucionada ainda mais com a anunciada geração de comunicações móveis designada por 5G. Diz-se que as comunicações móveis irão, por segundo, passar a ser 10 a 20 vezes mais rápidas do que a actual rede que está a ser usada. Isto vai permitir uma comunicação ultra-rápida, praticamente em tempo real. Neste sistema, a transmissão de dados vai aumentar num ritmo na ordem de 25 vezes mais e será possível ligar em simultâneo a comunicação entre telemóveis, computadores, máquinas, automóveis, entre outros. Em termos de conectividade, tudo vai poder estar ligado a tudo. Isto vai permitir, por exemplo, que o automóvel autónomo ligado a este sistema de comunicações, ao chegar a um cruzamento com semáforo, este, ao verificar que no cruzamento não existe outro carro, irá de imediato abrir o sinal verde para o automóvel autónomo avançar sem perder mais tempo. Um outro exemplo, que esta tecnologia vai permitir, é que, numa curva de 90 graus com fraca visibilidade, em que haja um acidente ou avaria de um carro logo a seguir à curva, os veículos vão poder comunicar entre si para que se inicie a travagem antecipadamente e com toda segurança. É desta forma que se acredita que a fluidez de trânsito e a segurança vão melhorar nas estradas, com a vantagem de que as pessoas que não conduzem vão passar a ter acesso a um novo tipo de mobilidade. O transportado no carro autónomo poderá aproveitar o tempo da viagem para ler o jornal, tomar uma refeição, usar o telemóvel ou conversar sem ter de se preocupar em controlar o trânsito.

Um dos grandes receios que se coloca em relação à introdução destas tecnologias avançadas no ambiente rodoviário, é que, da mesma forma que actualmente se fazem ataques cibernéticos, em que se rouba a “password” de uma conta bancária e se furta o dinheiro alheio, ou os “piratas” conseguem fazer o bloqueio de uma rede de computadores, podem também invadir o sistema montado de navegação dos carros autónomos, ou provocar o descontrolo sincronizado dos semáforos, originando acidentes em cadeia. Também, existe a necessidade de se definir de quem será a responsabilidade em caso de acidente rodoviário, será do proprietário do veículo ou do fabricante?

Ainda vão passar muitos anos até se conseguir ter tudo conectado com tudo. Acredita-se que daqui a 10 anos, muitas destas inovações em carros automóveis, serão uma realidade no ambiente rodoviário.

\*DIRECTOR DA ESCOLA DE CONDUÇÃO INTERNACIONAL

## Editorial

### Ameaça e luta contra o Corona vírus

**M**ais uma ameaça se abate sobre o mundo. O planeta está em pulgas pelo surgimento do Corona vírus, uma epidemia que já ceifou milhares de vidas na China, e por estes dias se alastra a outros horizontes do globo, causando pânico e desassossego nas sociedades. Tudo parecia brincadeira, até que os chineses se viram envolvidos num gigante problema sanitário com altos índices de contaminação. Agora, é o vê se te avias, na procura de argumentos para enfrentar o perigo eminente. Da China, o vírus galga para Espanha, Itália, França e Argélia, que já notificaram alguns casos.

Porém o maior perigo espreita em África. Por razões óbvias. Os sistemas de saúde dos países em alusão são por demais deficitários e, caso a epidemia assale o Continente, o desastre será incomensurável tendo como horizonte o saneamento, as condições precárias de habitabilidade e outros males, e por essas razões, queremos assumir que as regiões menos desenvolvidas do mundo, nomeadamente a África Subsaariana, constituem os locais que poderão conhecer uma maior incidência em termos de contágio e taxas de prevalência. Quando foi da eclosão do SIDA, o país mobilizou-se sempre contra a patologia, sobretudo pela forma preocupante como a taxa de propagação afectava o importante segmento da população entre os 15 e os 40 anos. Tratando-se de jovens em idade de formação académica e profissional que dão o seu contributo aos mais variados sectores da vida económica, social, política e cultural, não podemos ficar indiferentes ao problema que se espreita encarnado no Corona vírus.

Com o fim das hostilidades na região, a mobilidade humana passou a ser uma realidade, e este pode vir a ser o ponto fraco para a disseminação da doença. Face a este quadro desolador e deveras preocupante, temos que desde já juntar sinergias desde as instituições do Estado, acompanhadas pelos seus parceiros internacionais despertando cedo para enfrentar um fenómeno que ameaça exterminar o globo. A declaração governamental de que as autoridades estão de prevenção, é já um grande passo e comprova o compromisso do Executivo e de todos os moçambicanos ao lado de uma forte campanha de sensibilização, em que os meios de comunicação social poderão desempenhar. Tratando-se de uma doença ainda sem cura e cujo combate seguro passa pela prevenção, temos que potenciar as contínuas campanhas de esclarecimentos e sensibilização, educação e adopção de comportamentos responsáveis.

No continente africano, parte considerável de países, incluindo Moçambique, não possui material necessário para fazer face à doença, o que constitui preocupação em caso de uma eventual eclosão do Covid-19.

De acordo com as autoridades, a capacidade de diagnóstico laboratorial é até ao nível da província e cidade de Maputo, a partir do parque de Maluana, prevalecendo desafios de expansão da rede do diagnóstico laboratorial para outras províncias do país. Para já, na eventualidade de eclosão da epidemia, o Governo espera apoio da OMS e do laboratório de referência da vizinha África do Sul.

A doença causa sintomas semelhantes aos da gripe, entre os quais febre, tosse, falta de ar, dores musculares, fadiga; com possíveis complicações, o desconforto respiratório agudo, sepsia, choque séptico e morte, o que demanda uma maior capacidade para lidar com um número elevado de pacientes a procurar pelos serviços de saúde, incluindo a questão de que não existe tratamento específico, sendo administradas medidas para alívio dos sintomas e suporte das funções vitais.

No âmbito destas medidas, perto de 500 pessoas foram aconselhadas a permanecer em quarentena domiciliar de um total de 113.674 passageiros que atravessaram das diversas fronteiras aéreas, terrestres e portuárias no país, até no passado 23 de Fevereiro corrente. Do total de 215 pessoas actualmente mantidas em quarentena domiciliar, 152 estão na cidade de Maputo, 41 em cabo Delgado, 9 em Sofala, 6 em Nampula, 4 na província de Maputo e 3 na província de Zambézia. As autoridades de saúde garantem haver contacto diário com os passageiros em quarentena no sentido de controlar casos de uma eventual doença Covid-19, não tendo sido até então ainda registado algum caso.

Aqui fica o alerta. Tempo de agir.

GUSTAVO MAVIE

gustavomavie@gmail.com

# Elísio Macamo é ingrato para os nossos Heróis e injusto aos que repudiam o jornalismo ruím<sup>(1)</sup>

O artigo de Elísio Macamo intitulado ME-RECER O DESCANSO, em que põe em causa a legitimidade da deposição dos restos mortais de Marcelino dos Santos como de alguns seus camaradas na cripta dos heróis, e a sua condenação aos que repudiam a imprensa que faz apologia à guerra é, quanto a mim, e salvo melhor juízo, expressão duma ingratidão aos compatriotas que sacrificaram as suas vidas e juventude, lutando pela libertação do nosso país e uma injustiça aos que hoje o defendem.

Antes de decidir em definitivo refutar esse seu questionamento sobre se os que vão sendo depositados na cripta o merecem de facto, reli várias vezes essa sua narrativa, para entender melhor o que de facto queria dizer. E salvo melhor interpretação ou percepção, entendi que ele acha que os nossos heróis cometeram muitos erros e crimes, e que por isso não merecem estar na cripta, a menos que peçam primeiro desculpas a nós que nos libertaram.

Na verdade, o que Elísio Macamo está a exigir deles, é o mesmo que exigir que aquele que te tirou da água quando está a afogar, te peça desculpas em caso de ter te arranhado ou causado a morte de alguns quando estava tentando salva-los do afogamento. É minha convicção que, por mais erros ou crimes que eles possam ter cometido, seja por convicção de que era justo ou imperioso, o teriam certamente feito mais movidos pelo medo ou pela vontade sacrossanta de resgatar a nossa Pátria e nos salvar do holocausto colonial. Tanto

mais que está provado que só não erra quem NADA FAZ. Errar é a premissa que leva à consciência de se fazer a correcção ou o melhoramento e a perfeição. Os próprios nossos libertadores já tinham consciência que não sabiam tudo, ou que não eram perfeitos, daí que adoptaram, logo à prior, aquele slogan de que iriam “aprender a governar, governando”. Os primeiros carros e os primeiros aviões não eram tão bonitos e perfeitos como o são hoje. Na luta pela independência, foi a mesma coisa – aprendiam a lutar, lutando. Já ouvi Mariano Matos dizer que uma vez foi receber uma delegação sindical estrangeira no aeroporto fardado à militar. Só anos depois é que se deu conta do quanto isso foi ridículo! Mesmo George Washington, que os seus compatriotas o veneram como herói há mais de 300 anos por ter sido o principal mentor da sua independência, cometeu muitos erros e crimes de guerra durante a luta que liderou. Mas não põem em causa o seu heroísmo.

É preciso ter-se sempre em conta que o sistema colonial era tão diabólico e brutal que não hesitava em matar qualquer um que o suspeitassem de estar contra a sua continuação. Quando se luta em circunstâncias de perigo constante ou iminente, incorre-se sempre ao risco de cometer alguns excessos de precaução ou de adoptar algumas medidas draconianas que quando analisadas, à posterior, por quem não viveu na intensidade infernal da guerra, incorre-se também em fazer julgamentos teóricos ou errados desse passado, ou de criticar e condenar os que cometeram tais excessos ou medidas dra-

conianas. É o que parece-me que está a fazer o Elísio Macamo. Quem está numa grande tempestade até pode atirar para água o melhor da carga que esteja a transportar no seu barco ou navio. Já houve marinheiros que atiraram ouro para salvar os seus barcos e para evitar que eles próprios morressem afogados. O artigo do Elísio lembra-me o postulado que reza que é mais fácil criticar do que fazer. Nós outros podemos imaginar quão difícil foi mover a guerra, mas nunca poderemos sentir de facto o quão isso foi desgastante e perigoso. Só quem carrega à cabeça um saco de 100 quilos, sabe quanto isso custa. Para os que estavam arriscando as suas vidas na guerra, não tinham sempre cabeças para ponderar tudo o que faziam.

Numa guerra de guerrilha, os traidores são tratados com a mesma severidade que se inflige aos soldados inimigos, porque não só podem comprometer a causa pela qual se luta, como, pior que isso, podem arriscar as vidas dos próprios guerrilheiros. É só imaginar quanto medo e terror não se apossaram dos guerrilheiros quando alguns dos seus camaradas foram sendo assassinados devido à traição. Já não imagino quando o Professor Doutor Eduardo Mondlane e outros camaradas da direcção foram assassinados por causa da traição. São momentos que certamente levaram muitos camaradas a perderem temporariamente as suas cabeças e fizeram com que os que fossem tidos como estando a trair, fossem sujeitos a penas draconianas, incluindo o seu fuzilamento. Mas para quem não estava na luta não pode entender que tais medidas não eram apenas pela vontade de matar por pra-

zer ou capricho, mas de evitar que o pior ocorresse também para eles como havia acontecido com Mondlane e outros. Era para evitar que a maioria dos que lutavam pela independência fossem mortos. Ao dizer isto não estou a defender fuzilamentos ou arbitrariedades ou decisões irreflectidas nem nada parecido a isso. Como bem diz Su Tzu no seu livro A Arte da Guerra, mesmo os que saem vitoriosos numa guerra têm também sempre um sabor muito amargo da vitória.

Na sua dissertação, Elísio Macamo vai ao ponto de dizer que a FRELIMO devia ter libertado apenas o país e não devia ter adoptado, depois por sua conta e risco, um Projecto ou Modelo de Sociedade que acabou concebendo para a fase pós-independência. Ora, isto é o mesmo que dizer que a FRELIMO devia ter deixado tudo ao Deus dará. A ter feito isso teria sido uma grande e imperdoável irresponsabilidade. É que quem é contra alguma COISA, é porque pensa noutra COISA melhor como alternativa que julga poder servir bem ao povo neste caso. Não se pode impugnar algo sem que se tenha outro algo que se considere como melhor alternativa. Mas para Elísio, o facto de a FRELIMO ter optado pelo SOCIALISMO, não foi uma opção que se ajustava na vontade do povo. Se não se ajustava, então qual teria sido a melhor opção? Seria o CAPITALISMO? Se disser que sim, como o deixa entender no seu artigo, eu contrasto porque mesmo o CAPITALISMO não é uma opção que agrada todos os moçambicanos, e nem serve todos os moçambicanos. Muito pelo contrário.

Por isso, a alegação de que a FRELIMO impôs uma opção só da sua cabeça, não é verdade, como não é verdade dizer que todo o povo apoia agora o modo de produção capitalista em vigor. Para dizer a verdade, não há nenhum sistema político que possa ser adoptado por um governo que seja produto de cada um e todos os habitantes dum certo país. Será sempre uma decisão de um grupo. Na melhor das hipóteses será produto duma votação da maioria numa eleição geral ou referendo. Mas nunca será de todo o povo. Por isso, é errado e injusto condenar a FRELIMO por ter optado pelo socialismo e não logo pelo capitalismo. Tanto mais que o socialismo advoga como princípio, a repartição justa ou equitativa da riqueza de um certo país ou duma certa unidade produtiva, ao invés do capitalismo, que permite a acumulação da riqueza em poucas mãos, muitas vezes com recurso a formas não justas. Este é o caso dos patrões que acumulam fortunas, porque pagam salários baixíssimos, ou que não pagam os devidos impostos ao Estado ou pior ainda, que não canalizam aos serviços de segurança social os descontos que fazem aos trabalhadores para que tenham uma reforma condigna e tranquila. Como pode ver, caro Elísio, se o socialismo não tivesse sido sabotado pelos gananciosos ou pelos países capitalistas que são contra este sistema concebido por Karl Marx, porque os impede de assaltar os recursos doutros países e explorar a força dos trabalhadores, era na verdade a melhor opção que a FRELIMO tinha feito.



Para deixarmos de ser países rentistas e preguiçosos

# Académico Carlos Lopes **sugere mudança de mentalidade**

Todos os países africanos têm a possibilidade de realizar transformações estruturais, mas só poderão fazê-las, com sucesso, os que têm lideranças capazes, com disciplina, foco e noção de que têm que mudar a mentalidade, deixando de ser países rentistas e preguiçosos.

O continente africano alberga 37 países com alta dependência das matérias-primas. Oitenta por cento das suas exportações dependem das matérias-primas ou recursos naturais, razão pela qual se tornam em países preguiçosos, porque não precisam de se preocupar com o resto da economia.

Esta observação foi feita, na segunda-feira, 24 de Fevereiro, na Universidade Politécnica, em Maputo, pelo Prof. Carlos Lopes, durante a cerimónia de lançamento do seu livro intitulado “Africa in transformation-Economic development in the age of doubt” (Continente africano em

transformação-desenvolvimento económico em tempos de incerteza), no qual o académico faz a apologia da transformação estrutural no contexto africano.

Carlos Lopes ressaltou existirem, também, outros países africanos que já entenderam que é preciso adoptar um paradigma diferente, chamado de transformação estrutural.

“África precisa de um discurso diferente, sendo que o livro tenta trazer, desde a parte estatística até à parte teórica, uma contestação das verdades habituais que estão associadas à leitura de África, e propõe, através de oito desafios, medidas importantes para que no processo de transformação possamos ter sucesso”, frisou.



Ao proceder à apresentação da obra, Salim Valá referiu que não há como não estar de acordo com Carlos Lopes quando advoga no seu livro que África necessita de uma estratégia clara de crescimento inclusivo, apoiada por melhores instituições, sinergias regionais e infra-estruturas adequadas

para dar um salto qualitativo.

“O crescimento económico robusto e acelerado é necessário para a redução da pobreza, mas para que esse crescimento seja sustentável a longo prazo, ele deve ter uma base ampla, abranger diversos sectores e incluir grande parte da força de trabalho dos países com destaque para as pesso-

as ligadas à agricultura, pescas e aos pequenos negócios do sector informal”, sustentou Salim Valá.

Acrescentou que não é qualquer tipo de crescimento que pode ser qualificado de inclusivo e nem o crescimento a qualquer custo conduz ao desenvolvimento económico sustentável: “O crescimento económico sustentável deve ter foco no capital humano, na geração de emprego, no aumento da renda das famílias, no acesso aos serviços essenciais, no uso sustentável dos recursos naturais e na protecção social”, concluiu.

Importa referir que Carlos Lopes é Doutor Honoris Causa pela Universidade Politécnica. Considerado um especialista de reformas e desenvolvimento institucional, esteve sempre associado a grandes processos de reforma no sistema das Nações Unidas, onde trabalhou por mais de duas décadas.

Para o aumento da produtividade económica e intelectual nacional

# Estado deve aumentar orçamento para nutrição

DÁVIO DAVID

O Banco Mundial recomenda ao Estado moçambicano alocar, pelo menos, 10 dólares correspondentes a mais ou menos 1,1% do orçamento do Estado por crianças menores de cinco anos por ano para combater a desnutrição crónica no país. Segundo soube o Zambeze, actualmente, o Estado moçambicano aloca somente 0,013 % do Orçamento Geral do Estado para combater a desnutrição crónica.

Segundo dados do Ministério da Agricultura (do Secretariado Técnico de Segurança Alimentar e Nutricional SETSAN, 2013) Moçambique apresenta taxas elevadas de desnutrição crónica em crianças menores de cinco anos, na ordem de 43%.

Estas taxas de desnutrição estão associadas a perdas de cerca de 11% do

PIB nacional (SETSAN, Estudo da Fome 2017).

De acordo com os mesmos dados só o custo anual associado a desnutrição infantil em Moçambique é estimado em 1.6 Biliões de dólares ou seja cerca de 62 biliões de meticais, e que cerca 18.8% de todas as repetições de classes nas escolas moçambicanas estão associadas a desnutrição crónica.

Estudos mostram ainda que, se não houver uma intervenção à altura e atempada, a má nutrição nos primeiros dois anos de vida pode provocar retardamento mental e em consequência diminuir a capacidade da criança desenvolver habilidades cognitivas para toda a vida.

Mércia Tembe da Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade (FDC) explicou, recentemente, ao Zambeze que a questão do aumento do orçamento para a nutrição é extremamente fundamental, uma vez que a desnutrição crónica é um problema grave para o nosso país e que, de alguma forma, impede o desenvolvimento social e económico nacional.

**Parlamentares devem entrar no barulho**

“Há uma necessidade muito grande de um compromisso para que haja maior alocação de fundos para a nutrição em diferentes sectores chaves do governo”, disse Tembe para de seguida acrescentar que a consciencialização deve ocorrer a todos os níveis, desde as comunidades para a mudança de comportamento, mas também a nível dos tomadores de decisão e fazedores de política para que haja uma atenção maior para a questão da nutrição no país.

Conforme justificou ainda Mércia Tembe, o Banco Mundial recomenda aos governos alocarem, pelo menos, 10 dólares por crianças menores de cinco anos por ano, isto cor-

responde a mais ou menos uma média de 1,1% do orçamento do Estado, entretanto, actualmente, o Estado moçambicano aloca do seu orçamento somente 0,013 % para a nutrição.

É daí que a FDC alega que está engajada em acções de advocacia para que a questão da desnutrição seja revertida e nesta senda urge “trabalhamos com os parlamentares para a consciencialização e para a necessidade de se alocar mais recursos para nutrição. Trabalhamos também a nível de outros tomadores de decisão, diferentes sectores chaves do governo para que haja inclusão de intervenções chaves que tenham impacto nos planos sectoriais e que também esses planos sejam devidamente orçamentados e que sobretudo, essas acções sejam executadas”.



O trabalho socialmente útil

# O que muda com o novo Código Penal?



TINA LORIZZO\*

**A partir de Junho de 2020, a justiça criminal moçambicana dará um passo a frente em direcção a uma justiça mais restaurativa. A justiça restaurativa considera o crime principalmente em termos de danos às pessoas. Daqui resulta a obrigação, para o infractor, de remediar as consequências nocivas de sua conduta. Para esse fim, prevê-se um envolvimento activo da vítima, do agente e da comunidade, na busca de soluções para atender ao conjunto de necessidades decorrentes do crime. Como tal, a resposta ao crime concentra-se na reabilitação e reintegração social do infractor, através do diálogo com a vítima e apoio por parte de toda a comunidade. A justiça restaurativa é contraposta à justiça criminal do tipo tradicional ou retributiva, que pune o infractor, principalmente através do encarceramento, como o Código Penal Moçambicano previa até 2015.**

O Código Penal que entrou em vigor em Junho de 2015, introduziu pela primeira vez, as alternativas à prisão. Entre elas, as medidas educativas socialmente úteis, as medidas alternativas e penas alternativas, terminologia que não encontrou, nos cinco anos passados, o consenso da comunidade jurídica moçambicana. A suspensão do processo e a transacção penal representavam as medidas alternativas e entre as penas alternativas destacava-se o trabalho social-

mente útil, pois envolve directamente o infractor na vida da sociedade, através do trabalho que beneficia a comunidade. Em África, o discurso sobre as alternativas tem se concentrado particularmente no trabalho socialmente útil. Zimbabwe introduziu essa alternativa à prisão, nos anos 90, seguido por países como a África do Sul, Quênia, Uganda e Tanzânia. Entretanto, o actual Código Penal moçambicano foi introduzido com muitas áreas cinzentas e lacunas que afectam a implementação do quadro legal na prática. Alguns dos proble-

mas são a falta de definições ou clareza em certas disposições e, em particular, a falta de regulamentação sobre a fase de implementação das mesmas.

As críticas deram lugar à revisão do Código Penal que em menos de seis meses, juntos com o novo Código de Processo Penal e de Execução das Penas, irão introduzir significativas mudanças no âmbito das alternativas à prisão. Irá desaparecer a distinção entre medidas e penas. A distinção será

apenas entre penas privativas e não privativas da liberdade. As penas não privativas da liberdade serão principalmente três: a multa, o trabalho socialmente útil e a interdição de direitos.

Mudanças serão introduzidas também para o trabalho socialmente útil ou vulgarmente conhecido como serviço comunitário que, continuará a representar a figura central do novo paradigma de justiça restaurativa. O legislador de 2014 - o Código Penal promulgado

através da Lei 35/2014, de 31 de Dezembro – previu a aplicação do serviço comunitário aos crimes puníveis com uma pena de prisão superior a dois anos e até oito anos, moldura penal inadequada porque abrange crimes graves como, por exemplo, instigação de imigração ilegal. Em Junho de 2020, o serviço comunitário será aplicável para crimes puníveis até três anos de prisão, moldura mais alinhada com outros países a nível internacional, enquanto os principais pressupostos legais de aplicação continuarão os mesmos: o infractor deverá ser primário e ter reparado a vítima do dano causado.

Diferentemente do actual Código Penal, que prevê que o trabalho socialmente útil é fixado entre um mínimo de 35 e um máximo de 1120 períodos de trabalho e que cada período pode ter um limite máximo de quatro horas, o legislador preferiu simplificar a determinação da pena alternativa pela qual cada dia de prisão será substituída por uma hora de trabalho socialmente útil e não poderá superar o limite de 600 horas. Não apenas o termo “período” tem causado algumas confusões, mas também a duração máxima de serviço comunitário pode, com o actual Código Penal, chegar até 4480 horas (cerca de 3 anos). Entretanto, a literatura confirmou, nos anos, que é mais efectiva uma pena reduzida que uma mais longa. Uma pena longa, traz também desvantagens para o orçamento do Estado.





Entre as vantagens, no uso do serviço comunitário, está o custo-benefício, diferente do encarceramento. Um estudo do Centro de Direitos Humanos da Universidade Eduardo Mondlane em colaboração com a Universidade de Western Cape na África do Sul, de 2014 relevou que cada recluso em prisão custava ao erário cerca de 100 Mt por dia. Se considerássemos ainda válido este valor, e aplicando-o à actual população prisional, de cerca de 19 mil pessoas, constataríamos que o Estado gasta por dia 1.900.000 Mt, e por ano um valor de 693.500.000 Mt por todos os reclusos encarcerados. Comparativamente, e usando os mais recentes dados, publicados pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, em 2007, o serviço comunitário no Zimbábue custava 20 Dólares por pessoa por mês, contra o valor estimado por cada recluso por mês, de 120 Dólares. Segundo a Penal Reform International, Uganda economizou 3,7 milhões de Dólares, entre 2001 e 2012, através do uso do serviço comunitário.

Além de aliviar as despesas do Estado, o serviço comunitário poderá mitigar o crónico problema da superlotação dos estabelecimentos penitenciários que aflige o País, há mais de uma década. O último Relatório Direitos Humanos 2017 da Ordem dos Advogados afirma que o nível de ocupação prisional em 2017 era de 221% e que 36,7% dos condenados cumpriam pena de até um ano de prisão. A implementação rigorosa do serviço comunitário poderá melhorar a capacidade do Estado de cumprir com os standards internacionais de detenção humana nos estabelecimentos penitenciários, com particular atenção para o acesso à justiça e saúde.

Os trabalhos socialmente úteis incluirão tarefas desempenhadas em estabelecimentos assistenciais, escolas, orfanatos, hospitais; trabalhos no âmbito da construção, conservação ou manutenção de vias públicas; serviços prestados no domínio da florestação, conservação e protecção do meio ambiente e distribuição de água, gás, e electricidade; actividades relativas à construção, conservação ou manutenção de infra-estruturas públicas ou de interesse social; tarefas de limpeza geral e de conservação e de manutenção de jardins. O condenado poderá também prestar trabalhos intelectuais nomeadamente, ensino e formação profissional, actividade

de escriturário e consultoria, dependendo das suas habilitações literárias e profissionais. Estes exemplos mostram como comunidades locais e a sociedade em geral poderão se beneficiar do serviço comunitário, se bem implementado.

O juiz será o responsável pela substituição da prisão com o serviço comunitário, enquanto continuará o Serviço de Pena Alternativas à Pena de Prisão (SPAPP), dentro do Serviço Nacional Penitenciário (SERNAP) o responsável pela aplicação do mesmo. Académicos já compartilharam algumas preocupações sobre este elemento. Será, por exemplo, que pessoal com uma formação paramilitar está tecnicamente preparado para implementar a pena de serviço comunitário? Será que a reforma que o SERNAP começou em 2013 por uma justiça mais restaurativa nos estabelecimentos penitenciários seja suficiente para que o mesmo possa ser responsável pela implementação do serviço comunitário?

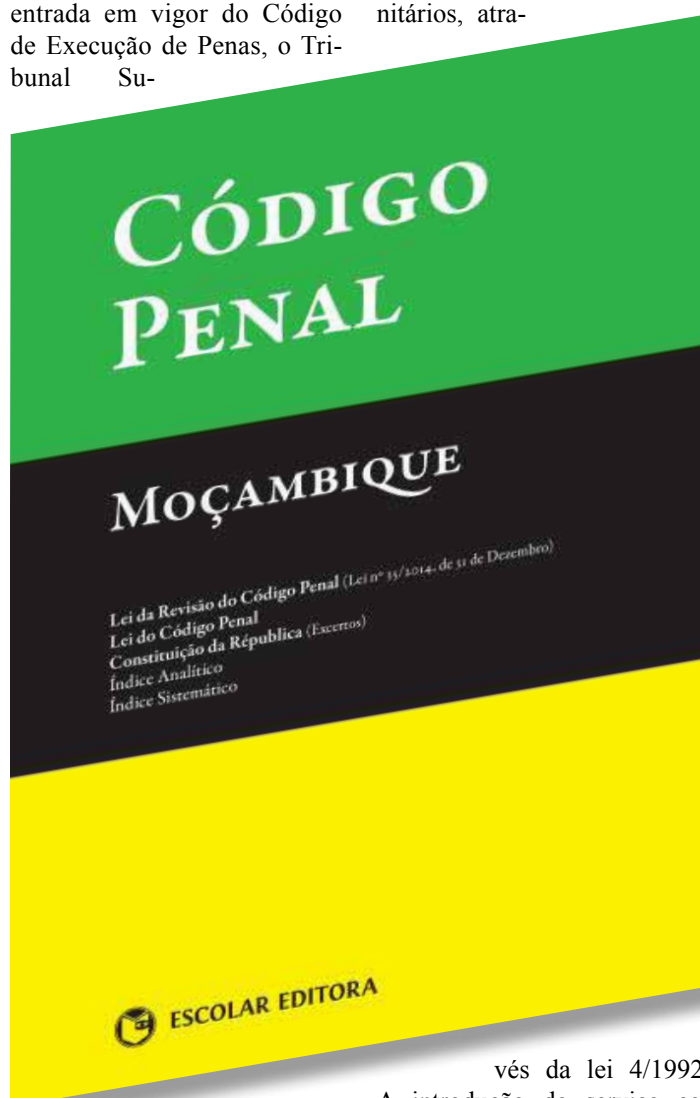
O Juiz de Execução de Penas (JEP) será o responsável pela suspensão, revogação e extinção da pena de serviço comunitário em estrita colaboração com o SPAPP, que deverá sempre comunicar com ele. O condenado deverá apresentar-se ao SPAPP depois de receber a ordem pelo tribunal. O SPAPP terá 30 dias para avaliar o condenado e decidir em qual entidade deverá cumprir o trabalho. Uma vez recebido o condenado, a entidade receptora deverá entrevistá-lo e monitorar o cumprimento da ordem do tribunal. Se não se apresentar situações para a

suspensão ou revogação da ordem, o SPAPP terá a responsabilidade de enviar para o JEP o relatório de avaliação final, que servirá para a declaração de extinção da pena. Com a entrada em vigor do Código de Execução de Penas, o Tribunal Su-

ser assim, considerando, por exemplo, que a justiça popular, entre 1978 e 1992, já previa o serviço comunitário como pena, algo que mais tarde foi entregue aos tribunais comunitários, atra-

sucesso do trabalho comunitário. Em particular, no primeiro período da implementação, os doadores deveriam apoiar a criação de planos estratégicos integrados, com claros indicadores e resultados para o governo e o judiciário. Um sistema de captação e conservação de informações deveria ser criado para ajudar a monitoria e avaliação regular do serviço comunitário. A criação e reforço da cooperação intersectorial é essencial para a implementação do serviço comunitário. Fundamental é também a existência de um sistema de justiça criminal íntegro. Esforços deverão ser envidados para combater a corrupção dentro das instituições que limitam ou tardam o sucesso. Formações integradas e regulares deverão ser organizadas para que juizes, procuradores e o pessoal do SPAPP possam conhecer o novo quadro legal de modo a compartilharem os próprios desafios e pontos de vantagem. Crítico para o sucesso do programa será o envolvimento da comunidade local e representantes de instituições onde os condenados irão prestar o serviço comunitário. Finalmente, campanhas cívicas deverão ser organizadas para aumentar a consciencialização do público sobre a aplicação do serviço comunitário. Entretanto, uma clara estratégia e forte vontade política serão capazes de mudar a atitude do País em abraçar uma justiça formal mais restaurativa e sempre menos punitiva? Esta inquietação terá de ser confirmada.

**\*REFORMAR – Research for Mozambique**



premo deverá criar as Sessões de Execução de Penas e formar os juizes que serão apenas responsáveis pela execução das penas restritivas e não restritivas de liberdade.

As alternativas são consideradas uma importante novidade para o sistema de justiça moçambicano. Não deveria

vés da lei 4/1992. A introdução do serviço comunitário dentro da justiça formal, está alinhado à justiça não-estatal, constitucionalmente reconhecida através do artigo 4 da Constituição da República de Moçambique.

Entretanto, o imediato apoio dos doadores é fundamental, em países com recursos financeiros limitados para investir no







JOSÉ MATLHOMBE

Zoom

Formação profissional de jovens no país

# Académico alerta sobre o risco de **seguir** **uma carreira profissional sem vocação**

FRANCISCO ESTEVES

Na abertura de novo ano de formação profissional no IFPELAC- Instituto de Formação Profissional e de Estudos Laborais Alberto Cassimo em Sofala, o Prof. Dr. Júlio Taimira Chibemo, durante a sua aula de sapiência com o tema “Emprego, Juventude e Desenvolvimento”, alertou a sociedade em geral sobre o risco de os jovens seguirem carreiras profissionais sem que tenham vocação para tal.

**O** alerta surge pelo facto de, nos últimos tempos, aumentar o número de jovens que acabam de se formarem em vários cursos profissionais e não desenvolvem na carreira que seguiram, ou seja, acabam ficando na posição de profissionais frustrados.

“Não faz sentido que um

serralheiro habilitado com diploma de uma instituição do formação profissional nos brinde com obras de má-qualidade”- referiu Júlio Taimira Chibemo, académico moçambicano radicado na cidade da Beira, para de seguida acrescentar que nos deparamos com este triste cenário e porque estamos perante profissionais frustrados e sem nenhuma expectativa de

desenvolvimento para o país.

Como solução à vista para inverter o cenário, o académico lança o desafio aos gestores das instituições de formação profissional no país para que adoptem estratégias adequadas que definem prioridades de ingresso a

cursos profissionais de candidatos com vocação para tal, e não os que simplesmente se aventuram movidos por influências de terceiros e emoção.

A fonte explicou ainda que o país incorre muitos riscos com a proliferação destes jovens já

formados e que não apresentam expectativas nenhuma para desenvolverem na carreira, facto que pode ofuscar a iniciativa de Governo a incentivar as políticas de empreendedorismo.

Segundo Júlio Chibemo, com a prevalência de maior número de jovens frustrados profissionalmente o país é que sai a perder em termos de tempo gasto com formação e dinheiro despendido com a formação.

Para o presente ano de formação que iniciou na sexta-feira da semana passada, a IFPELAC conta com ingresso de 340 candidatos que concorrem para vários cursos profissionais, segundo o delegado província da instituição, António João António.

Em Sofala, a IFPELAC funciona desde ano 2016.





Desajuste do preço, degradação das vias e manutenção deficitária

# Cooperativas dos transportadores dizem-se sufocadas pelos custos no sector



**O** utrora rentável, o negócio de transporte semi-colectivo de passageiros na cidade de Maputo e arredores está a atravessar dias amargos, a estrutura de custos tem estado a sufocar, em larga medida, aos operadores. Se por um lado está o desajuste no pagamento do bilhete por quilómetro, por outro, os buracos associados a falta de manutenção aceleram a degradação dos meios alocados pelo governo através do fundo de desenvolvimento dos transportes (FTC) aos operadores privados.

De há um tempo a esta parte, investir no sector do transporte era um mar de rosas, uma vez que a carteira de clientes sempre esteve estável, acompanhando o ritmo da estrutura de custos acessíveis, sobretudo, no que tange aos combustíveis subsidiados pelo governo, o acesso a peças sobressalentes no mercado nacional. Todavia, hoje, a situação não é a mesma devido a entrada de novos meios de origem chinesa no ano de 2016.

“A situação tornou-se dramática neste sector que tem a missão de transportar pessoas e bens, sobretudo nas horas de pico de e para o grande Maputo em virtude da descapitalização que o transporte enfrenta associado ao preço não justo do bilhete por quilómetro”, lamenta Rodrigues Tsucana, o presidente da cooperativa dos transportadores do corredor um (COOTRAC1).

Isto está muito mal, não esconde o presidente da COOTRAC, a título de exemplo, fez saber a nossa reportagem que só de combustível o Autocarro que sai da terminal de Zimpeito à Baixa da cidade chega a gastar 9000 (nove mil meticais) diários aos quais se juntam as despesas da tripulação e aquisição de pneumáticos.

Só para ilustrar, prossegue Tsucana, um pneu aceitável para um machimbombo que se queira circular em condições seguras é comprado a sua unidade a 16 mil meticais, ora em contas rápidas para um autocarro ter uma circulação plena o operador sujeita-se a pagar 96

mil meticais para equipá-lo só em pneus.

As mágoas dos transportes não param por aqui. Segundo Tsucana, é que, apesar de estar a prestar um serviço social e sensível para o país, as autoridades não isentam o sector que presta serviços aos passageiros. “O único apoio sustentável é o subsídio de combustível. Todo transportador compra os acessórios em função do padrão do mercado e como se sabe é bastante oneroso, o que sufoca qualquer tipo de investimento que se considera útil para garantir o transporte de pessoas e bens”, lamenta Tsucana.

Outrossim, transportadores, através da FEMATRO, já há muito que vêm reclamando da insustentabilidade da bilhética por quilómetro já de per si muito a quem do desejável, porque não chega para cobrir as despesas que se avolumam a cada dia que passa e, Tsucana explica porque, “as estradas não estão em condições o que acelera a degradação dos meios.

“O município deveria permanente proceder com a manutenção das principais rodovias que constituem o corredor de Maputo”, disse a fonte, dando exemplo da zona da praça da juventude em Magoanine até em Xiquelene, que está um caos sem referir a avenida do trabalho.

Há buracos em todo lado e isto não abona a nosso favor, porque são prejuízos que somamos diariamente.

## Retiradas dos Myloves

A dado passo, Tsucana considerou de decisão certa do município a de tirar da estrada os transportadores semi-colectivos de passageiros de caixa aberta, vulgarmente conhecido por my love, por se tratar de um verdadeiro atentado a saúde pública bem como um concorrente desleal para exercer a actividade de transporte na zona peri-urbana.

“Sem dúvida aplaudimos essa decisão, hoje as pessoas já deixam as viaturas pessoais, recorrendo aos transportadores o que em parte vai contribuir para melhoria da sua renda pessoal dado que, quando um pai abdica do seu carro pes-

soal reduz ligeira a sua despesa e aloca o valor para suprir outras necessidades”, sublinhou acrescentando que em países com um transporte consolidado todo mundo recorre ao transporte público independentemente da sua classe social e não estamos longe disso.

Repare que há carros que andam vazios o que quer dizer que o transporte está ganhar seu lugar.

## Futuro incerto dos cobradores?

Um outro dado importante que não escapou das análises do presidente da COOTRAC sobre o estágio do transporte do corredor, um tem haver com os esforços envidados pela agência metropolitana cuja missão é planear, coordenar e fiscalizar o transportes urbanos de passageiros da área metropolitana de Maputo.

Para Tsucana, a agência metropolitana de Maputo está fazer um trabalho louvável e em breve será introduzido o sistema de pagamento do bilhete de passagem do autocarro com regras

bem claras e facilitando ao passageiro.

“Porque a honestidade tem estado em prova por parte dos colaboradores, nem todos somos honestos. Mas alguns recorrem a esquemas que prejudicam a receita”, salientou para quem as novas modalidades vão ajudar na conservação dos meios e continuar a honrar regularmente com as letras na banca e também na viabilização do negócio. Isto é um negócio em que ninguém quer sair a perder, segundo a fonte que vimos a aludir, não há razão de cepticismo por parte dos cobradores das cooperativas sobre seu futuro com a entrada da bilhética electrónica. Porquê? Segundo Rodrigues Tsucana foram acauteladas todos aspectos relativos ao reenquadramento do pessoal. Ninguém vai ficar de fora, porque todos fazem parte do processo, disse. Rodrigues Tsucana admite que os cobradores são fundamentais, porque fazem parte da tripulação e devem garantir a organização dos passageiros, cargas e outros. “Fazem parte do apoio e não podemos prescindir deles”.

## Comercial

**Quando viajar, use o Cartão Travel Money do BancABC!**

Um cartão pré-pago que não está sujeito a variações cambiais e não cobra comissões em pagamentos via POS no estrangeiro, desde que use o cartão pré-pago da moeda certa, correspondente ao país em que se encontra.

Está disponível em 4 moedas diferentes, Rand (R175), Dólar (\$13), Euro (€11) e Libra (£10) e não necessita de estar associado a uma conta bancária. Requisite já o seu cartão Travel Money na nossa agência mais próxima.

Para mais informações:

- mz-callcenter@bancabc.com
- whatsapp: 8555 8555
- Nacional: 92264
- Internacional: +25821482199

www.bancabc.co.mz

BancABC parte do alasmara



# Da exclusão política à **legitimação dos**



**Moçambique, desde que se tornou um Estado, a partir do seu traçado na Conferência de Berlim, em 1884, como um espaço territorial do Rovuma ao Maputo e do Índico ao Zumbo, colonizado ou não, viveu, desde essa altura até ao presente momento, como um Estado de exclusão política e violência sobre os excluídos, funcionando assim a exclusão como uma legitimação do recurso à violência para se atingir os direitos fundamentais dos excluídos.**

**E**m diferentes momentos históricos de Moçambique, algum grupo dominou os outros, justificando a sua acção dominadora por argumentos de para o bem social do povo, assumindo a sua governação como inclusivo e aos excluídos políticos que reclamavam a sua inclusão ou direitos de fazer ouvir e valer as suas vozes em matéria política para terem os mesmos direitos de acesso ao poder político, e assim contribuir, de uma certa maneira, para um melhor bem-estar social, chamando-os de inimigos desse bem-estar, anti-sociais e reprimindo-os violentamente.

Foi assim que os colonialistas portugueses, durante 500 anos, dominaram Moçambique: o seu povo e recursos, justificando a sua acção como civilizadora, de dilatação da fé cristã, de humanismo e da ciência e técnica. Assumiam os moçambicanos como selvagens, incivilizados, atrasados. Sem oportunidade de se fazer valer politicamente e socialmente, os moçambicanos, de diferentes formas, reagiram contra esta dominação e a paz

que se instalou na convivência com os colonialistas foi de ausência das armas e de luta violenta, porque os moçambicanos haviam sido vencidos e dominados. Esta realidade aconteceu em todos os países africanos, pois, na Conferência de Berlim, as potências europeias, simplesmente, sentaram-se numa mesa e debruçadas sobre o mapa de África, esquartejaram-no / dividiram-no em partes como se de um animal se tratasse para ser comido, e se distribuíram os pedaços entre eles. É assim que o espaço que hoje é Moçambique calhou para os portugueses.

A colonização não foi um acto de mútuo acordo entre as duas partes e a sua governação foi um acto de exclusão, por isso, para os moçambicanos, em direito de serem livres, se legitimou o direito do uso da violência para a inclusão política, isto é, para fazer ouvir e valer a sua voz. A exclusão serviu para legitimar a violência e não a sua legalização, pois esta é a lei oficial escrita pelo dominador e que considera a violência como um acto subversivo e sujeito à repressão de quem a viola, isto é, quem exige

a inclusão. Diferente da legalização, a legitimação refere a acção social, a vontade e direitos do povo, por isso, sentindo-se excluídos, através dos seus representantes que expressam as suas vontades, (os excluídos) podem usar a violência para se impor. Foi assim que a partir da década 50, os africanos se revoltaram de diferentes formas e meios, incluindo o uso da violência armada, exigindo o direito à autodeterminação, a independência nacional. Foi assim que também os moçambicanos criaram os seus movimentos e lutaram contra o colonialismo português que terminou a sua dominação em 25 de Junho de 1975. Dessa forma de luta, a violência armada tornara-se legítima, porque os portugueses haviam negado o diálogo e a possibilidade de dar a independência aos moçambicanos. Negaram a inclusão. A luta foi legítima porque era por uma causa justa, embora não legal. Em nome da legalidade, muitos moçambicanos que defenderam e lutaram por esta causa foram presos, julgados e condenados a penas pesadas, torturados e mortos pelos sucessivos governos portugueses. É por ter sido legítima que, um grupo de combatentes dos diferentes movimentos de libertação africana, incluindo o recém-falecido Marcelino dos Santos, foi até recebido pelo Santo Papa, no Vaticano, em 1971. Pode-se concluir, então, que a exclusão política legitimou a violência armada pela qual os excluídos conseguiram o seu direito fundamental, a inde-

pendência política do seu país.

Com a independência, os moçambicanos rejubilaram pela liberdade e muitos cidadãos políticos viram o direito e a oportunidade de apresentarem as suas opiniões políticas e assim terem o acesso ao poder político por fazer ouvir e valer as ideias políticas, fundando os seus partidos. Os portugueses haviam entregado ao movimento FRELIMO, uma das que mais lutara, de armas na mão, contra o colonialismo. Este movimento, já durante a luta, fora tomado por combatentes de ideologia marxista-leninista, tornando-se assim num partido, o que equivale afirmar ter-se tornado excludente, pois deixara de se constituir numa frente, isto é, de integrar, no seu seio, combatentes que simplesmente lutavam pela independência, pondo de lado as questões políticas e ideológicas para o período pós-independência. Por isso, o movimento ou frente FRELIMO, aliás, o partido Frelimo, pois, já em algum momento, durante a luta de libertação, após a morte do seu presidente, Eduardo Mondlane, já tinha uma orientação político-ideológica (marxista-leninista) a ser imposta como orientadora da governação do Moçambique independente, vivera intensamente as contradições internas por causa do grupo que quis e acabou dominando o movimento impondo esta sua orientação política, o que expulsões, assassinatos e fugas. Tratava-se do conflito entre os marxistas-leninistas e não marxistas-leninistas. Como se sabe,

a orientação marxista-leninista do Estado e governo torna estes totalmente de exclusão política. Não admite uma outra voz política diferente e, se algum cidadão expor uma outra ideia política ou fundar um partido político, fica sujeito à uma maior pena igual a quem tivesse cometido um pecado capital e apanha a maior pena, a pena da morte. É assim que, depois da independência, muitos políticos que não fossem do partido Frelimo foram perseguidos e os apanhados foram sumariamente executados. Entre tantos, podemos citar o reverendo Uria Simango e sua esposa, Celina, pais dos políticos Lutero e Daviz. Simango foi fundador e vice-presidente da FRELIMO, com Eduardo Mondlane, que era presidente da FRELIMO; a dra. Joana Simeão, a que foi primeira professora negra, no Liceu António Enes, actual Escola Secundária Francisco Manyanga, na Cidade de Maputo, no tempo colonial, leccionando a disciplina de Francês; Lázaro Nkavandame, um membro sénior da FRELIMO, ex-líder cooperativista da província de Cabo Delgado; o padre católico Mateus Gwenjere, recentemente homenageado por uma obra intitulada “Mateus Pinho Gwenjere: Um padre revolucionário”, da autoria de Lawe Laweki, também ex-combatente da luta de libertação. Adelino Gwambe, um jovem e grande nacionalista, fundador da UDE-NAMO (União Democrática de Moçambique), o primeiro movimento nacionalista para a independência de Moçambique e um dos três que integrou a frente que resultou na FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique).

Após a independência, o novo governante, a Frelimo marxista-leninista, que tinha figuras dirigentes do partido, governo e Estado como Samora, Marcelino, Jorge Rebelo, Sérgio Vieira, Chissano, Chipande e Guebuza, implementou uma governação de exclusão, pois tomava os opositores políticos como reacionários, contra-revolucionários, capitalistas, agentes do imperialismo, exploradores do homem pelo homem. Estas adjectivações constituíam um crime punível até com pena de morte sobre quem lhes eram dirigidas. A exclusão política foi legalizada em nome dum discurso de construção duma sociedade livre da exploração do homem pelo homem, de luta contra a burguesia nacional e internacional, a construção do socialismo científico, a luta con-



# s ciclos de violência em Moçambique

tra ideias tradicionais retrógradas, a emancipação da mulher, a democracia popular, a ditadura do proletariado, etc., etc. Não havia possibilidade de diálogo pois qualquer ideia contrária era tida como inimiga e o seu portador era reprimido. Os políticos assumidos como os acima nomeados e outros foram perseguidos, mesmo no exterior, presos e mortos. Muitos daqueles foram atraídos e sequestrados do exterior onde se encontravam refugiados como se refere na obra sobre Gwenjere, em que o seu autor, segundo o macuablog, refere o sacerdote como vítima de “sequestro de Nairobi, Quênia; e a sua execução pelo governo da FRELIMO”, assim como outros “muitos outros líderes nacionalistas, incluindo o Reverendo Uria Simango, Paulo Gumane, Adelino Gwambe, Lázaro Nkavandame, Casal Ribeiro e Dra. Joana Simão, [que] foram mortos pelo

Esta exclusão legitimou o recurso à violência para a inclusão política e foi a Renamo quem iniciou a luta armada que durou 16 anos e terminou em 4/10/1992, em Roma, com a assinatura dos Acordos de Paz entre Joaquim Chissano, presidente da Frelimo e da República, e Afonso Dhlakama, presidente da Renamo. O acordo ditou o abandono de muitas práticas marxistas-leninistas, mas esta de exclusão política, de se outorgar o único e legítimo representante da nação, o mesmo que dos recursos, continua, pois, factos posteriores àquele acordo assim o demonstraram. A propalada doutrina marxista que era tida como científica e via para a construção de uma sociedade comunista, uma espécie de paraíso terrestre à espécie do celestial advogado pelas religiões não passou de pura ilusão e os seus defensores dela se envergonham

outra matéria de que tem de assumir as responsabilidades perante o povo. Efectivamente, ele foi o principal promotor e responsável de todas as políticas marxistas-leninistas, pois ele é que possuía os três elementos: a consciência e convicções ideológicas e políticas marxistas, a capacidade intelectual e de conquista do poder e o poder efectivo para manipular e tornar efectivas aquelas suas convicções ideológicas e políticas. Muitos foram usados por ele e é por isso que o abandonaram ideológica e politicamente, chegando a se referirem a ele como quem tinha “as suas ideias” e não “nossas” como dantes eram. E é por isso mesmo a sua biografia de heroísmo assenta somente na sua luta contra o colonialismo e, das suas convicções e práticas governativas, eivadas da ideologia comunista, não se faz nenhuma referência além nomes dos cargos que ocupou, como ministro

do, declarou a adopção da ideologia e política marxistas-leninistas para a orientação de todas estas instituições (partido, Estado e Governo), o que era? Um instrumento (fantoche) do Marcelino, auxiliado por outros poucos marxistas-leninistas? E já se avaliou quão nefasto foi o resultado desta política desde os tempos da sua imposição durante a luta, depois da morte de Eduardo Mondlane, criado e educado pelos suíços, formado nos EUA, onde casara com uma americana e de quem se sabe ser um homem de formação liberal, não marxista-leninista?

Assim, pode se confirmar que foi a exclusão política protagonizada pelos novos governantes da Frelimo que legitimaram o recurso às armas com o objectivo de possibilitar o acesso ao poder político de outros moçambicanos que não sejam somente da Frelimo. O Dr. Jonas Savimbi, o fundador e presidente da UNI-

Não pode existir, numa democracia, o único representante. Vejam o desejo de ser o único, tivemos de percorrer 16 anos de guerra em que nos matámos, nos odiámos, mas, afinal, somos todos filhos da mesma terra. Não haverá mais, em Angola, o único representante. Ninguém. Mesmo aquele que ganhar as eleições, não é o único, é um dos representantes do povo angolano”. Savimbi aponta também a exclusão política como a que legitimou a violência de 16 anos de guerra pelo simples facto de o MPLA pretender ser o único e legítimo representante do povo. E, mais fundo ainda, Savimbi aponta que mesmo o vencedor das eleições não se dever assumir o único, pois nem todos votaram nele, se consideramos que as eleições foram livres, justas e transparentes. E nas situações em que o vencedor se declara o único e legítimo representante do povo enquanto o foi por manipulação e fraude eleitorais como acontece sempre? Se pelo menos, em Angola, houve mais dois partidos nas conversações com os portugueses, em Moçambique, isso não aconteceu. A Frelimo assumiu-se absolutamente o único e todos os políticos que agiram contra ou diferentemente dela foram sujeitos à violência física em nome feliz tal da defesa dos interesses do povo tal como os portugueses dominaram, oprimiram e exploraram o país e o povo em nome da cristandade e da civilização.

Uma das técnicas de dominação é a manipulação discursiva feita pelos ditadores. Palavras de sentido genuíno como inclusão, democracia e liberdade sofrem mutações semânticas para justificar a prática da exclusão política, económica, étnica, racial, etc. A expressão “inclusão política” significa a admissão dos membros da oposição na gestão da coisa pública. Num sentido mais genuíno e reconciliador, significa a nomeação de cidadãos que não sejam do partido governamental na governação e na direcção chefia das instituições do Estado. Isto é, a nomeação de ministros, vice-ministros, governadores, embaixadores, secretários de Estado, directores nacionais, etc., no aparelho de Estado que pode ser feito por várias razões: políticas para a reconciliação e paz ou de competência técnica e responsabilidade.



governo da FRELIMO, sem que os seus familiares e o povo moçambicano saibam onde se encontram os seus restos mortais”.

Como próprio do dominante, o regime negava praticar exclusão e afirmava a existência da inclusão, mas reprimindo-se quem ousasse agir contra a política do partido e do governo da Frelimo, sendo o ser membro deste partido uma condição fundamental para se ser nomeado (incluso) a alguma responsabilidade de direcção nas instituições estatais por mais inferiores que sejam.

ao ponto de nunca a mencionar nas suas vidas passadas, pois a abandonaram. Uma das grandezas do recém-falecido Marcelino dos Santos é exactamente por ele nunca ter renunciado, por algum oportunismo materialista e de sobrevivência. Demonstrou ser um homem de convicções fortes que sabia em que acreditava e lutava até ao fim da sua vida. Se essas suas convicções e consequentes práticas foram de exclusão política e promoção de repressão dos opositores em defesa do seu ideal, isso constitui

e como presidente do parlamento monopartidário. Não podendo ser presidente num país de negros por ser misto, apostou em exercer o seu poder e autoridade pelos negros. Samora, de quem Marcelino era vice-presidente no partido, é que devia ser a verdadeira autoridade que bem sabia o que a fazia, pois até o seu grande amigo (de Samora), Lopes Tembe, ex-combatente, afirma, na sua autobiografia, que Samora não era comunista. Se não era, enquanto foi quem, legal e publicamente, em nome do partido, Governo e Esta-

TA, que combateu o colonialismo português e o regime marxista-leninista angolano, sobre processo de e as consequências da exclusão política no seu país, que bem serve para esclarecer o acontecido também no nosso país. Diz o Dr. Joanas Savimbi que “quando, em 1975, o governo português reconheceu como representantes legítimos do povo angolano, éramos a FNLA, o MPLA e a UNITA. Mas o MPLA quis redefinir ‘Quem é o representante legítimo do povo angolano’ e depois teve que juntar o único representante.



# Toca violino durante cirurgia ao cérebro

A protagonista deste insólito é a Dagmar Turner, violinista há mais de 40 anos, que tocou violino durante uma cirurgia ao cérebro para remover um tumor. Ela quis assim garantir que a cirurgia não lhe afectaria os movimentos das mãos. O cirurgião Keyoumars Ashkan autorizou: “Sabíamos o quão importante o violino é para Dagmar, por isso era vital preservar a função nas áreas delicadas do cérebro que lhe permitiam tocar”. Este médico-cirurgião do londrino King’s College Hospital, que também toca, é pianista, disse em declarações à ABC: “Conseguimos remover mais de 90% do tumor, mantendo a função completa na mão esquerda”. A cirurgia começou sob anestesia geral e depois Dagmar foi despertada para poder tocar, enquanto os cirurgiões trabalhavam na parte mais delicada.



da. Tinham traçado o mapa do cérebro para garantir que não tocariam nas áreas de controlo das habilidades motoras de Dagmar e, assim, proteger as suas habilidades de pianista.

## Talento intacto

Três semanas após a operação, a pianista de 53 anos — que teve alta três dias depois da intervenção cirúrgica — já

está de volta à sua orquestra, a IWSO-Isle of Wight Symphonic Orchestra/Orquestra Sinfónica da Ilha de Wight. O seu talento musical está intacto. “O professor Ashkan e a equipa do King’s fizeram tudo o que era possível para a operação correr bem”, disse Dagmar Turner grata. “O pensamento de perder a minha capacidade de tocar era de partir o coração”, confessou aliviada.

## Malaysia Airlines

# Assistente de bordo despedida por ter um quilo a mais

Uma assistente de bordo da Malaysia Airlines foi despedida por pesar um quilo a mais do estipulado pela companhia aérea. A funcionária trabalhava há 25 anos com a empresa e teve o contrato rescindido em 2017. Ina Meliesa Hassim perdeu o processo contra a Malaysia Airlines por despedimento injusto, avança o “The Independent”. Segundo o mesmo jornal, a assistente de bordo trabalhava há 25 anos na empresa e teve o contrato rescindido há três anos, depois de lhe dizerem que tinha peso a mais para continuar nas suas funções. A companhia aérea da Malásia estipula que os funcionários cumpram o Índice de Massa Corporal (IMC), uma medida internacional que calcula se uma pessoa está no peso ideal. Ina Meliesa Hassim não terá cumprido esse requisito. Com 1,58 metros de altura, a assistente de bordo (segundo os padrões da empresa) deveria pesar 59,9 kg. Ultrapassou esse limite por pouco: pesa 60,3 kg. Quando foi despedida, a funcionária apresentou queixa contra a companhia aérea. Contudo

essa queixa não valeu de nada, o tribunal considerou que a Malaysia Airlines tinha razão. “O tribunal está convencido de que a empresa forneceu (...) várias oportunidades para cumprir a sua política e, apesar das muitas oportunidades, o requerente [a assistente de bordo] falhou consistentemente em atingir o seu peso ideal”, esclareceu o juiz Syed Noh Said Nazir na decisão. Durante o julgamento, a companhia aérea referiu que tinha dado 18 meses à funcionária para baixar o peso com acompanhamento médico, fornecido pela própria Malaysia Airlines. A empresa argumentou que Ina Meliesa Hassim não compareceu em várias pesagens agendadas. Em 2015, a empresa tinha definido que os assistentes de bordo que não cumprissem o Índice de Massa Corporal teriam de se inscrever num programa de regularização do peso. A justificação era simples: a aparência dos funcionários era um dos atributos mais importantes para os passageiros, além de um peso

ideal garantir mais segurança.

## Outras regras das companhias aéreas

As normas restritas aplicadas a assistentes de bordo fazem parte dos requisitos das maiorias das companhias aéreas. Segundo o jornal “Daily Express”, empresas como a British Airways e a Easyjet não definem um número específico para o peso ideal, mas afirmam que “o peso deve ser proporcional à altura”. O Índice de Massa Corporal, usada pela Malaysia Airlines, utiliza estes parâmetros, mas segundo alguns críticos exclui erradamente o peso da massa muscular. Também na British Airways, os assistentes de bordo com tatuagens no pé ou pulsos, que não possam ser tapadas, são um critério de exclusão da empresa. De acordo com o “Daily Express”, os programas de nutrição são usuais nas companhias aéreas. Alguns dos cuidados com a aparência estendem-se ao penteado e à maquilhagem, como na companhia Emirates onde as assistentes de bordo recebem aulas e treinos nesta área.

# Após 11 dias barricada em casa Tribunal mandou Alla Ilyina de volta à quarentena



Na segunda-feira, 17, o tribunal mandou Alla Ilyina de volta à quarentena no hospital, de onde ela tinha fugido no dia 7 driblando o sistema electrónico de vigilância. Na audiência ela disse em sua defesa que, após três testes negativos, o médico a tinha enganado, pois em vez das 24 horas internada ia ficar 14 dias hospitalizada em quarentena. O tribunal em São Petersburgo atendeu o pedido de internamento compulsório requerido pelo Rospotrebnadzor, entidade de Saúde Pública

rusa, e condenou Alla Ilyina a regressar à quarentena. Contudo, a “fugitiva” só tem de cumprir os dois dias que faltam até ao dia 19. A residente na segunda maior cidade russa tinha procurado o hospital Botskinskaya no início deste mês, dias depois de regressar de umas curtas férias na estância turística da ilha de Hainan, China. Hospitalizada para observação, os sucessivos testes deram negativo: “Três testes!”, enfatiza Alla Ilyina desde que escapou da “jaula”, como ela expressa nas redes sociais.

## França

# Jogador suspenso por morder genitais do adversário após partida



Um jogador de futebol de uma liga amadora de França foi suspenso por cinco anos por morder os genitais de um adversário. O jogador necessitou de dez pontos e teve de faltar ao trabalho durante quatro dias. O agressor foi agora suspenso durante cinco anos da Liga amadora de futebol. “É raro termos suspensões de vários anos, mas este caso foi estranho. Deve ter havido uma tensão maior”, afirmou Emmanuel Saling, porta-voz do conselho de futebol de Moselle.

com o outro. Um jogador do Terville tentou separá-los, quando um adversário o mordeu no pénis. O jogador necessitou de dez pontos e teve de faltar ao trabalho durante quatro dias. O agressor foi agora suspenso durante cinco anos da Liga amadora de futebol. “É raro termos suspensões de vários anos, mas este caso foi estranho. Deve ter havido uma tensão maior”, afirmou Emmanuel Saling, porta-voz do conselho de futebol de Moselle.



# Fintech.MZ: uma associação para inovação tecnológica

Foi lançada na quinta-feira, 20 de Fevereiro, a Associação das Fintechs de Moçambique (Fintech.MZ), uma agremiação que pretende ser um interlocutor válido na sociedade, no que diz respeito à inovação tecnológica dos serviços financeiros e de seguros.

A criação da Fintech.MZ, que conta com o apoio do Banco de Moçambique, da FSD Moçambique e do Standard Bank, visa aglutinar num único movimento todas as empresas e startups que se dedicam à inovação tecnológica, criando soluções de pagamento para a banca e seguros.

Conforme explicou o respectivo presidente, João Gaspar, a associação surge para cobrir um vazio pois não havia, no mercado, uma agremiação que estivesse focada especificamente no sector da inovação tecnológica dos serviços financeiros. É nesse âmbito que foi criada a Fintech.MZ, que é, na verdade, uma organização que



está para defender os seus membros e representá-los no mercado (bancos, operadoras móveis e seguradoras) e perante o regulador (Banco de Moçambique).

O presidente da Fintech.MZ aproveitou a ocasião para falar dos actuais desafios do

sector, que estão ligados à falta de sustentabilidade financeira, de infra-estruturas de transporte e de telecomunicações, bem como à burocracia que se verifica na criação das Fintechs. “A falta deste infraestruturas, por exemplo, faz com

que muitas empresas estejam focadas nas zonas urbanas”.

Para o Standard Bank, uma instituição que tem dado um enorme contributo ao fomento deste segmento de empresas, através da sua Incubadora de Negócios, inaugurada em Agosto de 2017, as fintechs desempenham um papel de extrema importância na inclusão financeira da população, principalmente nas zonas mais recônditas do País, daí a necessidade de merecerem maior atenção por parte de todos os intervenientes da sociedade.

Aliás, o Standard Bank tem-se posicionado no mercado como o banco que mais aposta na digitalização dos seus serviços, tendo, inclusive, lançado, recentemente, um serviço de crédito instantâneo, o QuiQMola.

“O Standard Bank apoia todas as iniciativas que estão a contribuir para o crescimento e transformação do mercado financeiro, que resultam na

criação de produtos e serviços inovadores. Somos um grande beneficiário das inovações que este sector está a registar”, sublinhou Cláudio Banze.

Por seu turno, Esselina Macome, directora executiva da FSD Moçambique, uma das organizações que têm recorrido às fintechs para promover a inclusão financeira da população, olha para o surgimento desta associação como um grande marco que vai contribuir para a criação de um ecossistema favorável à inovação tecnológica no País, particularmente no sector bancário e de seguros.

“As fintechs são parte do processo de inclusão financeira, por isso a FSD Moçambique tem promovido exposições e capacitações em serviços digitais. Levamos, igualmente, as nossas fintechs a eventos fora do País. Com orgulho, ganharam, nas duas últimas participações, prémios em congressos internacionais das comunicações”, revelou Esselina Macome.

## Morreu Katherine Johnson, a matemática da NASA que ajudou a levar os humanos à Lua

Katherine Johnson, a mulher negra que desempenhou um papel chave no programa Apolo, que levou a humanidade até à Lua, morreu esta segunda-feira com 101 anos, anunciou a agência espacial norte-americana NASA.

O génio matemático de Johnson levou-a do seu trabalho nos bastidores e das instalações segregadas da NASA à fama, apesar de terem sido necessárias décadas para que o seu talento fosse publicamente reconhecido.

“A família da NASA lamenta a morte de Katherine Johnson”, escreveu o administrador Jim Bridenstine no Twitter. “Era uma heroína americana e o seu legado pioneiro nunca será esquecido.”

Johnson recebeu a Medalha Presidencial da Liberdade das mãos do Presidente Barack Obama em 2015 e em 2016 foi citada no discurso do Estado da União como um exemplo do espírito pioneiro da América.

Johnson e as suas colegas negras da NASA eram conhecidas como “computadores”, numa altura em que o termo não designava uma máquina

mas sim as pessoas que faziam cálculos. A sua história e o seu contributo eram praticamente ignorados pelo grande público até serem contados em livro – a obra foi depois adaptada ao cinema na película Elementos Secretos, nomeada para o Óscar de Melhor Filme.

Ao longo dos 33 anos em que esteve na NASA, Johnson trabalhou nos programas Mercury e Apolo, incluindo na missão que levou Neil Armstrong à Lua em 1969. Mas todo esse trabalho era feito em instalações separadas dos colegas brancos, com casas de banho e cantinas segregadas.

Desde criança que Johnson era fascinada por números. Cresceu na Virgínia Ocidental, numa altura em que as oportunidades de educação eram limitadas para negros, devido à segregação racial. Mas a sua mãe, uma ex-professora, e o seu pai, um agricultor, valorizavam a educação, e mudaram-se com a família para uma vila a cerca de 190 quilómetros, que tinha uma escola secundária para crianças negras.

As aptidões de Johnson para a matemática abriram-lhe a porta



do Colégio Estadual da Virgínia Ocidental aos 15 anos. Fez o programa de matemática da escola, diplomando-se em matemática e francês antes de se tornar uma das primeiras estudantes negras numa pós-graduação na Universidade Estadual da Virgínia Ocidental em 1938.

Após dar aulas durante sete anos, Johnson foi trabalhar para o National Advisory Committee for Aeronautics, precursor da NASA, em Hamp-

ton, em 1953, com dezenas de outras mulheres negras.

Johnson encontrou-se num campo constituído quase exclusivamente por homens brancos, quando foi escolhida para ser parte da equipa que deu apoio à missão de 1961, que fez de Alan Shepard o primeiro americano no espaço. Acabaria por calcular trajectórias de foguetões, janelas de oportunidade de lançamentos espaciais e rotas orbitais.

Johnson fez a transição para

a era dos computadores e trabalhou no programa espacial, tudo enquanto escrevia ou era co-autora de 26 relatórios de investigação, antes de se reformar em 1986, segundo a NASA. A contribuição sua de que mais se orgulhava era a primeira missão à Lua, que incluiu os cálculos que sincronizaram o módulo lunar Eagle e o módulo de comando que ficou em órbita.

Johnson e o seu primeiro marido, James Goble, que morreu em 1956, tiveram três filhas. Casou posteriormente com o tenente-coronel James Johnson em 1959.

“É uma das maiores mentes que alguma vez agradeceu a nossa agência ou o nosso país”, elogiou o então administrador da NASA, Charles Bolden, quando entregou a Johnson a Medalha Presidencial.

Em 2016, a NASA deu o seu nome a um centro de investigação na sua terra natal de Hampton, na Virgínia, e um ano mais tarde, a sua universidade, a Universidade Estadual da Virgínia Ocidental, assinalou o seu 100.º aniversário em Agosto de 2018, ao criar uma bolsa em seu nome e erguer-lhe uma estátua.



# Ferrovário obrigado a aumentar salários dos jogadores

**P**ara cumprir com as regras impostas pela FIBA-África e NBA, os organizadores da primeira liga profissional do basquetebol africano (BAL – Basketball África League), o Ferrovário de Maputo, foi obrigado a incrementar os salários dos seus jogadores, bem como contratar jogadores estrangeiros dentro dos padrões exigidos.

É assim que o mínimo que os “locomotivas” deverão pagar aos jogadores nacionais está fixado em 1300 Dólares Americanos (cerca de 85 mil Meticaís) mensais. Já para os jogadores estrangeiros o valor poderá chegar aos 5000 Dólares Americanos (cerca de 325 mil Meticaís).

“Esta participação implica o incremento do orçamento anual destinado ao basquetebol, pois há exigências mínimas que foram impostas

pela FIBA-África e NBA, pelo que estamos a reunir todas as condições para garantir a nossa participação dentro dos padrões”, disse Isidro Amade.

Para os jogadores estrangeiros o Ferrovário de Maputo espera gastar cerca de 60 mil dólares americanos (cerca de 3.9 milhões de Meticaís) e parte desse valor será retirado dos 70 mil dólares americanos (cerca de 4.6 milhões de Meticaís) ganhos pela qualificação à BAL.

Recordar que ao vencedor desta primeira edição da BAL caberá o prémio de 150 mil dólares americanos (9 milhões 750 mil Meticaís), sendo que ao segundo classificado será atribuído o valor de 75 mil dólares americanos (4 milhões 875 mil Meticaís), 50 mil para o terceiro (3 milhões e 250 mil Meticaís) e 25 mil para o quarto classificado (1 milhão e 625 mil Meticaís). (LANCEMZ)



## Bairro de Hulene

# Chuva de goleadas marca segunda jornada



O torneio de abertura que se realiza no bairro de Hulene em Maputo, em veteranos e em seniores foi marcado de goleadas e, no fim-de-semana, rodou a segunda jornada nas duas categorias.

A grande novidade foi protagonizada pela Nova Luz, em veteranos, que depois de iniciar o ano desportivo 2020 em grande, vencendo a super-taça, apanhou, no fim-de-semana, a primeira falta de comparência. A Nova Luz ainda não pontuou neste torneio

de abertura, pois não realizou o jogo da primeira jornada por motivos organizacionais na comissão de futebol daquele bairro. Que azar.

A mesma coisa já não acontece com a equipa sénior, sendo que a equipa é regular nas vitórias, flexibilizada com o regresso no banco técnico do mister Doriva.

A equipa voltou a encantar os sócios e adeptos pela sua forma e postura dentro das quatro linhas e, em dois jogos realizados, a equipa

soma seis pontos, nove golos e dois sofridos, apenas.

### Resultados de veteranos

Tigres - Veteranos (3-2), Escorpião - Nova Aliança (1-1), Ondas do Mar - Mavalane (3-1), Ressuscitados - Célula “H” (4-1), Cruzeiro - Célula “A” (3-1), Nova Luz apanhou falta de comparência com Célula “F”.

### Classificação actual Grupo “A”

Célula “F” - 6, Ondas do Mar - 6, Cruzeiro - 3, Cé-

lula “D” - 0, Célula “A” - 0, Nova Luz - 0 pontos.

### Grupo B

Escorpião - 4, Ressuscitados 3, Célula “H” - 3, Sporting - 3, Tigres - 3, Nova Aliança - 1, Veteranos - 0 pontos.

### Próxima jornada

Nova Aliança x Ressuscitados, Célula “H” x Escorpião, Célula “F” x Cruzeiro, Nova

Luz x Célula “A”, Sporting x Tigres e Célula “D” x Mavalane.

### Resultados dos seniores

Nova Luz - Célula “B” (6-1), Cofres - Revolução (4-2), Matsuva - Tim Tim (0-3).

### Classificação actual

Nova Luz - 6, Tim Tim - 6, Cofres - 3, Revolução - 1, Célula “B” - 1, Matsuva - 0 pontos.

## Em veteranos

# Cidade do Maputo abre portas

É já no fim-de-semana que a cidade de Maputo vai abrir a época desportiva, em veteranos, com a disputa do primeiro jogo do ano desportivo 2020, a realizar-se no domingo, dia 1 de Março, pelas 8.30 horas, no campo municipal do Zimpeto entre

as equipas do Jardim, campeão em título e ADVcmc, vencedor da Taça Maputo.

Segundo deu a conhecer a organização, o campeonato inicia próxima semana e será disputado em duas séries, A e B, para que seja mais flexível e competitivo.



## Football Leaks

# Rui Pinto apresenta **queixa contra Portugal na União Europeia**

**“H**ouve várias irregularidades

na extradição de Rui Pinto ao abrigo do direito europeu”, em particular no que diz respeito ao “princípio da [regra da] especialidade”, afirmou à agência France Press Luísa Teixeira da Mota, uma das advogadas de Rui Pinto.

A defesa de Rui Pinto, criador do Football Leaks, anunciou esta segunda-feira que vai apresentar uma queixa contra Portugal na União Europeia, alegando que as regras europeias de extradição do seu constituínte não foram respeitadas. “Houve várias irregularidades na extradição de Rui Pinto ao abrigo do direito europeu”, em particular no que diz respeito ao “princípio da [regra da] especialidade”, afirmou à agência France Press Luísa Teixeira da Mota, uma das advogadas de Rui Pinto.



A defesa considera o hacker português “um denunciante europeu muito importante” e acusa a justiça portuguesa de perseguir o seu cliente por crimes que não constavam originalmente no mandado de de-

tenção europeu (MDE) inicial.

A regra da especialidade proíbe a pessoa extraditada de ser julgada por um crime diferente daquele que deu origem ao pedido de extradição. Como o criador do Football

Leaks nunca renunciou ao princípio de especialidade - para que a justiça portuguesa o pudesse vir a acusar e julgar por outros factos e crimes que não estes -, o MP teve de pedir a extensão do MDE às autoridades húngaras, que autorizaram, em 29 de Agosto, com base em novos factos e indícios entretanto apurados no decorrer da investigação.

A juíza de instrução criminal, que decidiu levar Rui Pinto a julgamento por 90 crimes, considerou que o mandado de detenção europeu foi legal.

Depois de ter sido preso na Hungria e extraditado para Portugal, ao abrigo de um mandato internacional, Rui Pinto está preso desde Março de 2019, tendo revelado recentemente que entregou um disco rígido à Plataforma de Protecção de Denunciantes na África, que permitiu a recente revelação dos Luanda Leaks, um caso de corrupção relacionado com a empresária

angolana Isabel dos Santos.

Aos 30 anos, Rui Pinto vai ser julgado por 68 crimes de acesso indevido, por 14 crimes de violação de correspondência, por seis crimes de acesso ilegítimo e ainda por sabotagem informática à SAD do Sporting e por extorsão, na forma tentada, este último um crime pelo qual o advogado Anibal Pinto também foi pronunciado.

Em Setembro de 2019, o Ministério Público (MP) tinha acusado o ‘hacker’ de 147 crimes, 75 dos quais de acesso ilegítimo, 70 de violação de correspondência, um de sabotagem informática e um de tentativa de extorsão, por aceder aos sistemas informáticos do Sporting, da Doyen, da sociedade de advogados PLMJ, da Federação Portuguesa de Futebol, da Procuradoria-Geral da República (PGR) e da Plataforma Score e posterior divulgação de dezenas de documentos confidenciais destas entidades.

## “O Manchester United **tem um novo Cantona**”

**O** antigo capitão do Sporting esteve em destaque na vitória do Manchester United sobre o Watford. Com um golo marcado e intervenção directa nos outros dois, Bruno Fernandes assinou uma grande exibição e deu uma bela tarde de domingo às bancadas de Old Trafford. A imprensa inglesa desfaz-se em elogios ao maiato, que é visto como o salvador ou, indo mais longe na hierarquia dos Red Devils, um “novo Cantona”.

O “The Sun” fala dele assim: “Mostrou por que razão o United estava tão desesperado pela sua contratação. Um desempenho magistral com um penálti a abrir a sua conta no clube. O internacional português ditou o jogo, esteve envolvido em tudo o que de positivo a equipa fez.” No final, o jornal dá nota 9 a Bruno Fernandes, numa escala de 1 a 10.

O “Daily Mirror” não faz a

coisa por menos: “O Manchester United tem um novo Cantona e os seus raros atributos podem dar ao clube uma vaga na Champions (...) Bruno Fernandes marcou um e teve um papel importante nos outros dois golos do triunfo sobre o Watford (...) Esteve em apenas quatro jogos mas já é um herói para os adeptos do United, que até lhe dedicam um cântico especial, comparando-o com outra lenda de Old Trafford proveniente do Sporting, Cristiano Ronaldo”.

Na opinião do “Daily Mail”, “Ele é directo, agressivo e corre. (...) Mostra qualidades de líder, está a tornar-se num talismã em Old Trafford e as comparações com Paul Scholes enfatizam o impacto que ele está a ter”.

Para a BBC, a comparação é outra. “A chegada de Bruno Fernandes a Old Trafford trouxe uma injeção de entusiasmo, dentro e fora do campo. Os adeptos do United gritavam ‘Bruno, Bruno’ da mesma forma que costumavam cantar

o nome de Wayne Rooney”.

No “The Independent”, pode ler-se: “O brilho individual de Bruno Fernandes cobre as falhas colectivas. Algo frustra-

do durante boa parte do primeiro tempo, acabou por decidir resolver o assunto. Os sprints que realizou na zona do meio campo colocaram questões na

defesa do Watford. A melhor delas foi o penálti que ganhou de forma muito inteligente.”

Antes de ser estrela, Sterling limpou casas de banho





Antigo presidente do Egipto

# Hosni Mubarak **morre aos 91 anos**

**H**osni Mubarak, presidente do Egipto durante três décadas, e afastado do poder em 2011, na Primavera Árabe, morreu esta terça-feira, aos 91 anos. Há semanas tinha sido alvo de uma intervenção cirúrgica.

Depois de ter sido afastado do poder, Mubarak esteve preso vários anos, até em 2017 ser liberto, com a Justiça a absolvê-lo de várias das acusações de que era alvo.

Em 2012, Mubarak tinha sido condenado a prisão perpétua, pela morte de 239 manifestantes, mas recorreu e em Março de 2017 acabou por ser absolvido. Já em 2015 a Justiça tinha considerado infundadas outras acusações que pendiam sobre Mu-

barak, num caso de corrupção.

Hosni Mubarak nasceu em 1928 e estudou na Academia Militar do Egipto. Nos anos 50 começou a trabalhar como instrutor de voo na Força Aérea, onde conquistaria um alto cargo duas décadas mais tarde.

Em 1975 Mubarak tornou-se vice-presidente do Egipto e em Outubro de 1981 ascendeu ao mais alto cargo político do país, sucedendo ao presidente Anwar Sadat, que então tinha sido assassinado num desfile militar.

Reeleito quatro vezes como presidente do Egipto, Hosni Mubarak cedeu à pressão das manifestações da Primavera Árabe em Fevereiro de 2011, abandonando o poder. O seu sucessor, Mohamed Morsi, também acabou por ser afastado do poder em 2013, num golpe militar.



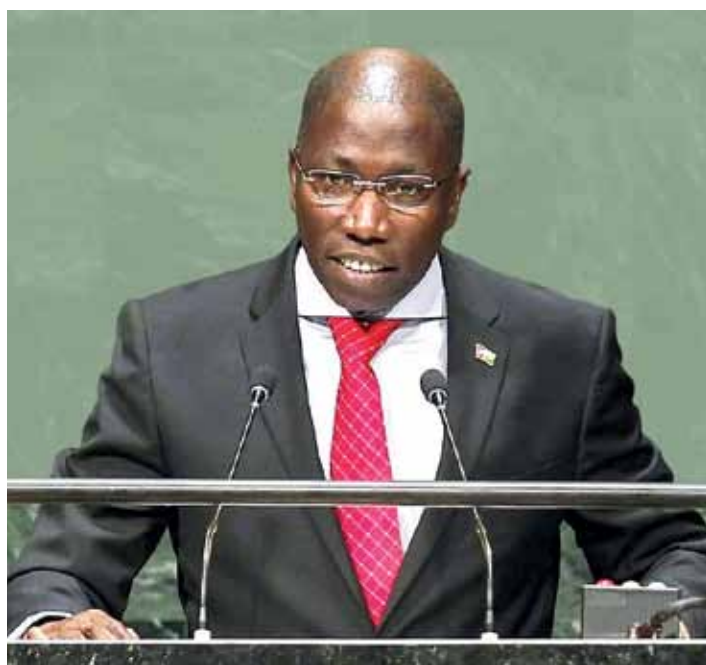
Guiné-Bissau

# Candidatura de Domingos Simões Pereira **vai apresentar novo recurso**

**A** candidatura de Domingos Simões Pereira à presidência da Guiné-Bissau anunciou que vai apresentar um novo recurso de contencioso eleitoral, depois de a Comissão Nacional de Eleições ter voltado a confirmar a vitória de Umaro Sissoco Embaló.

“A CNE foi confrontada com uma série de irregularidades a começar, desde logo, pela ausência de actas de apuramento regional e além de outras irregularidades muito sérias e muito graves que de facto afectam o processo eleitoral na sua globalidade e nós esperávamos que a CNE tivesse a humildade de reconhecer estas falhas e voltar para trás e fazer as correcções que se ajustassem aos casos”, afirmou aos jornalistas o advogado Gabriel Umabano.

“Não foi esta a postura da CNE infelizmente e não nos resta outra alternativa que não seja recorrer ao Supremo Tribunal de Justiça a pedir que ele próprio enquanto Tribunal Eleitoral julgue este comportamento da CNE, es-



tas irregularidades”, adiantou.

A CNE realizou ontem mais uma sessão plenária, que durou cerca de oito horas, para cumprir o acórdão do Supremo Tribunal de Justiça (STJ) que ordenava um novo apuramento nacional dos resultados.

Na ata da reunião consta um requerimento apresentado pela candidatura de Domingos Simões Pereira, no qual é referido que das “10 regiões elei-

torais, apenas duas entregaram a ata de apuramento regional à CNE, a saber a região de Gabu e Bafatá” e que a ata de Bafatá faz “menção a protestos”, mas não inclui as decisões, nem os autores dos protestos.

A candidatura de Domingos Simões Pereira denunciou ainda outras irregularidades, incluindo que em 1.402 distritos eleitorais se verificaram discrepâncias entre os núme-

ros de eleitores constantes no caderno eleitoral e as atas das mesas de voto, “discrepância que afecta 39.732 inscritos”.

Números de votantes superiores aos inscritos nos cadernos eleitorais, duplicação de chaves mapas definitivos das assembleias de voto, duplicação de atas, mesas de assembleias de voto sem atas, incluindo pessoas que não constam nos cadernos eleitorais, pessoas que utilizaram cartões que não lhes pertencem para votar, são outras das várias irregularidades denunciadas.

Para a candidatura de Domingos Simões Pereira, as irregularidades indicadas e o “longo atraso para a realização do apuramento nacional impõem à CNE a obrigação de ordenar a recontagem dos votos e a elaboração das atas respectivas, procedendo-se de seguida ao apuramento nacional de forma ininterrupta”.

“Nós vamos apresentar as irregularidades uma a uma e vamos mostrar a nossa leitura jurídica do problema em todas as suas dimensões e vamos concluir a pedir ao Supremo Tribu-

nal que avalie pela recontagem ou pela anulação do processo eleitoral, mas isso já é um juízo que o próprio tribunal vai fazer”, afirmou o advogado.

Segundo o advogado, o recurso de contencioso eleitoral deverá ser apresentado quarta-feira.

O Supremo Tribunal de Justiça da Guiné-Bissau ordenou à CNE que fizesse um novo apuramento nacional dos resultados após um recurso interposto pelo candidato apontado como derrotado, Domingos Simões Pereira, alegando fraude e irregularidades no processo.

A Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) ameaçou no sábado impor sanções a quem perturbasse o processo eleitoral e apelou ao diálogo entre a CNE e o STJ para resolver o contencioso eleitoral.

Segundo o apuramento nacional da segunda volta das eleições presidenciais de 29 de Dezembro, Sissoco Embaló venceu o escrutínio com 53,55% dos votos, enquanto Domingos Simões Pereira obteve 46,45%.



Homem viajou de Itália

# Primeiro caso de Covid-19 confirmado no Brasil

**O** Brasil registou esta terça-feira, o primeiro caso de Covid-19, passando assim a ser o primeiro país da América Latina com um caso confirmado. Segundo o jornal Folha de São Paulo o teste, realizado no Hospital israelita Albert Einstein, em São Paulo, ao homem 61 anos deu positivo.

O homem, residente no estado brasileiro de São Paulo, esteve recentemente de férias em Itália, entre 9 a 21 de Fevereiro, mais precisamente na região da Lombardia, na mesma altura em que os casos no país começaram a aumentar.

Com os resultados preliminares feitos na unidade de saúde, o hospital enviou a amostra para o Instituto Adolfo Lutz para contraprova.

Para já, tem apenas sintomas leves da doença, como tosse, e encontra-se em isolamento domiciliário. “O paciente encontra-se em



bom estado clínico e sem necessidade de internamento, permanecendo em isolamento respiratório que será mantido durante os próximos 14 dias”, afirma o hospital numa nota citada pelo jornal.

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) já solicitou à companhia aérea que trouxe o cidadão

infectado para o país a lista de passageiros do voo.

Segundo o G1, a Secretaria Estadual de Saúde brasileira está a monitorizar outros dois casos suspeitos de coronavírus na cidade de São Paulo e um terceiro caso no interior do estado, em Bauru. Até agora, São Paulo descartou 26 suspeitos de Covid-19.

## Os números pelo mundo

O balanço provisório da epidemia do coronavírus Covid-19 é de pelo menos 2.763 mortos e cerca de 81 mil infectados, de acordo com dados reportados por mais de 40 países e territórios. Dos infectados, quase 30 mil recuperaram.

A China reportou na terça-

-feira 52 mortos devido a infecção pelo Covid-19, o menor aumento diário em três semanas, ao mesmo tempo que registou 406 novos casos, a maioria na província de Hubei, epicentro do surto.

Até ao momento, em Itália, já houve 11 mortos e 322 casos confirmados de infecção por novo coronavírus. E mesmo em Espanha, são já sete os casos confirmados com Covid-19. Em Madrid, Barcelona, Valência e nas Canárias (onde mil turistas estão isolados num hotel em Tenerife).

A Argélia, Áustria, Croácia e Suíça já confirmaram os primeiros quadros clínicos de coronavírus, com mais dois infectados em França.

Além dos mais de 2.700 mortos na China, onde o surto começou no final do ano passado, há registo de vítimas mortais no Irão, Coreia do Sul, Japão, Filipinas, França e Taiwan.

Apesar da presença chinesa

# EUA prometem manter cooperação com Angola

**A** porta-voz do departamento de Estado norte-americano defende que a cooperação dos EUA com Angola vai perdurar, independentemente da China, e destacou que os governos devem pensar “de forma realista” quando fazem negócios com o Partido Comunista Chinês.

Morgan Ortagus que falou à Lusa, a partir de Washington, uma semana depois da visita do secretário de Estado norte-americano ter visitado Angola, reafirmou que a inclusão do país lusófono no seu roteiro africano serviu para apoiar o presidente angolano, João

Lourenço, no combate à corrupção, mostrando que o diálogo entrou numa nova fase.

“Era muito importante ir. Houve corrupção endémica em Angola durante muito tempo, por isso quisemos ir e mostrar apoio pelas iniciativas que o Presidente [de Angola] tem vindo a levar a cabo para acabar com a corrupção e tornar o ambiente de negócios em Angola mais favorável às empresas norte-americanas”, destacou.

Questionada sobre se os Estados Unidos pretendem conquistar terreno à China em Angola, actualmente o principal parceiro comercial do país africano, salientou que a relação com An-

gola “não depende do que a China faz ou deixa de fazer”.

“Dissemos a mesma coisa em Angola que dizemos noutros sítios: respeitamos a soberania do país, respeitamos a capacidade de os governos tomarem as suas próprias decisões e pedimos apenas que as pessoas pensem de forma realista sobre o que o partido comunista da China põe em cima da mesa quando propõe os seus negócios”, respondeu.

Defendeu, por outro lado, que os EUA oferecem “parcerias de primeira qualidade” realçando a transparência e o estado de direito: “[as pessoas] sabem exactamente com o que estão a lidar quando se

trata dos Estados Unidos, os nossos negócios são conduzidos sob regras éticas e o presidente dos Estados Unidos protege as pessoas. Não temos o mesmo tipo de protecção quando lidamos com o Partido Comunista Chinês e foi esse facto que quisemos apontar”.

Sobre a relação dos EUA com Angola, afirmou que se entrou “numa fase em que o diálogo se tornou muito mais produtivo, mais relacionado com os direitos humanos, acabar com a corrupção e tornar o ambiente mais convidativo”, uma relação “duradoura” quer a China “esteja ou não esteja”.

Morgan Ortagus destacou que Angola “está a trabalhar

na direcção certa”, embora o governo precise de continuar a trabalhar nas reformas.

“Quando vemos um governo que luta pela democracia, luta para acabar com a corrupção e ser responsável perante o seu povo, é com esse tipo de governos que queremos trabalhar”, continuou a porta-voz, referindo que Pompeo quis também encorajar o investimento do sector privado americano e encontrou receptividade.

“Temos uma cooperação robusta no que diz respeito à energia, mas acreditamos que podemos encontrar muitas outras maneiras de trabalhar juntos”, sublinhou.



NO MUNICÍPIO DA MATOLA

# Khongolote aterrorizado pela onda de crimes



**Os residentes do bairro Khongolote, no município da Matola, vivem aterrorizados pelo aumento de casos de roubos nas residências. Segundo residentes daquele bairro, o facto está a tornar-se frequente, devido a ausência de agentes da lei para o patrulhamento. Alunos que estudam no curso nocturno, nas escolas secundárias da Zona-verde, Unidade T3 e Nossa Senhora do Livramento, são as principais vítimas.**

**D**epois das 21 horas quem caminha pelas ruas de Khongolote faz das tripas o coração devido a insegurança que aquele bairro os sujeita.

Não são poucas as pessoas que declararam na primeira pessoa terem sido agredidos e arrancados os seus bens na calada da noite, quando voltavam dos seus trabalhos diários. Mais do que isso, os residentes daquele bairro dizem que os malfetores não se limitam apenas a espera-los nas ruas, frequentemente invadem as residências com instrumentos contundentes e apoderam-se dos bens da família.

Só no ano passado os residentes daquele bairro referem

que mais de três corpos foram encontrados na rua sendo que há fortes evidências que as causas da morte são as mesmas, apontam agressões e violações sexuais na calada da noite, protagonizadas por pessoas desconhecidas.

Esta história é contada também pelos residentes de Ndlavela e São Dâmaso, nas imediações do Bairro Khongolote.

“Aqui existem zonas até identificadas como sendo perigosas andar na calada da noite, ainda que se faça acompanhar por alguém. É que os gatinhos andam em grupo de seis a sete, munidos de armas brancas e, em alguns casos, até armas de fogo, tornando-se muito fácil agredir e abusar as suas vítimas”, disse Raimundo Nguja residente do bairro Khongolote e acrescentou que as pessoas que vivem perto daquelas zonas tidas como perigosas, costumam ouvir gritarias de pessoas agredidas todas as noites, entretanto, ninguém, escusa-se a sair na tentativa de acudi-lo.

Das zonas tidas como muito perigosas, os residentes de Ndlavela dizem que é muito arriscado sair do Círculo daquele bairro em direcção a São Dâmaso ou Khongolote, principalmente na zona da Sonéf, na travessia da linha de transporte de energia de alta tensão que passa por aquelas zonas.

rigosas na calada da noite no bairro Khongolote, os residentes apontam a zona conhecida como Nkonoluene na curva do cemitério e nas imediações do mercadinho conhecido como Nkokuene.

Nestes locais, segundo a revelação dos moradores, em uma semana pelo menos um caso de agressão ou roubo de telemóvel ocorre.

## Suspeitos

Dentro de incertezas na responsabilização dos protagonistas, a população daquele local acredita que não sejam pessoas de longe.

Catarina Matusse, residente do Bairro Khongolote e que, por sinal, já foi agredida e arrancada bens voltando do seu local de trabalho, disse à nossa reportagem que os que andam a fazer estas actividades devem ser miúdos daquele mesmo bairro ou dos bairros circunvizinhos.

“Eu acredito que as pessoas que geram terror aqui no bairro, e não só, sejam miúdos que convivem connosco de dia, se não mesmo nossos próprios filhos, no entanto, torna-se difícil que, nós sendo cidadãos

comuns saibamos investigar até tirarmos provas, essa tarefa cabe à polícia” precisou a fonte.

## O que faz a polícia?

No Círculo de Ndlavela no Bairro 1º de Maio existe um Posto Policial, que se espera que os agentes ali afetos, cubram toda a zona da sua jurisdição, principalmente naquelas zonas apontadas como sendo as mais perigosas.

A nossa reportagem foi naquele bairro para tentar perceber o que está acontecer em relação a forma como os agentes da lei e ordem trabalham naquele local.

Das conversas tidas com os residentes referiram que poucas vezes circula a polícia naquele local e, quando circula, apenas interpela o cidadão comum exigindo Bilhete de Identidade.

Ademais, os agentes da lei e ordem, em nenhum momento, rondam naquela região conhecida como sendo perigosa, apesar de também ter conhecimento de existência de gatinhos naquelas zonas.

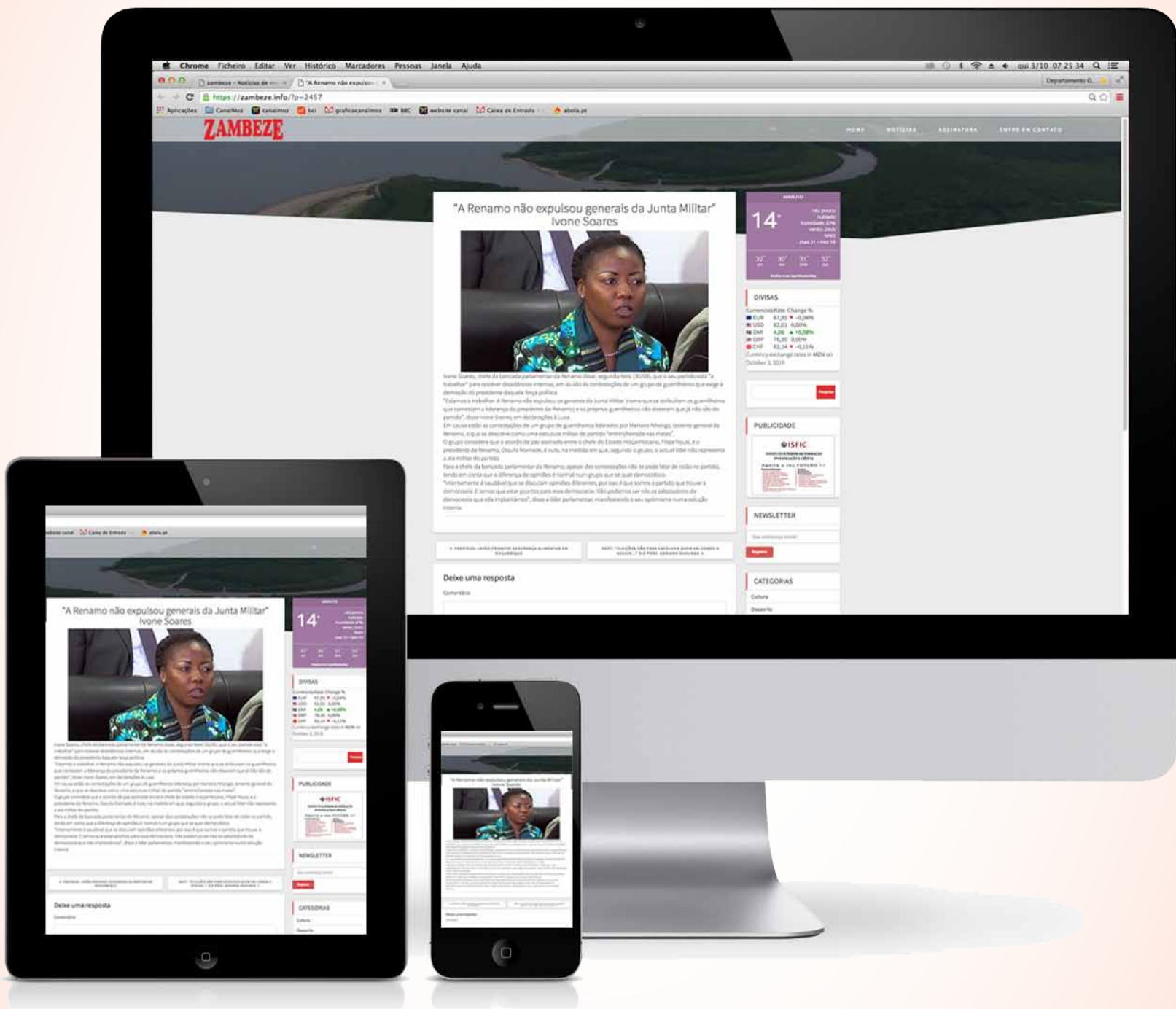
Mais do que nunca, os casos de roubo à mão armada ou com outros instrumentos contundentes está a ganhar espaço.





# Zambeze.info

## disponível



Caro leitor, o leito do **Zambeze** está cada vez mais navegável. Acompanhe, diariamente, as últimas notícias *on line* no seguinte endereço: [www.zambeze.info](http://www.zambeze.info)



# Industrialização deverá **constituir uma das principais prioridades do país**



ção Nacional das Actividades Económicas (INAE), o Instituto para a Promoção das Pequenas e Médias Empresas (IPEME) e o Instituto Nacional de Normalização e Qualidade (INNOQ).

O ministro, na sua comunicação com os funcionários das instituições tuteladas referiu que a industrialização do país faz parte de um dos quatro pilares no presente quinquénio, em alinhamento com os planos de integração regional e continental.

“Deste modo, devemos estimular iniciativas empresariais que visem a revitalização e modernização das agro-indústrias, das indústrias agro-químicas, têxteis e confecções, metalomecânicas e indústrias de materiais de construção”, finalizou o governante que defende que se deve gerar mais emprego para os jovens no país e reduzir-se as assimetrias de desenvolvimento e os desequilíbrios da balança comercial.

**A industrialização deverá constituir uma das principais prioridades do país para se melhorar as exportações, através do fomento e criação de mais unidades industriais com potencial suficiente para produzir com qualidade e em larga escala, não só para a satisfação do mercado doméstico, assim como para a melhoria dos níveis de exportação.**

**N**este momento, os níveis de exportação do país são extremamente baixos, o que para o ministro da Indústria e Comércio, Carlos Mesquita, não pode ser, visto que Moçambique dispõe de muitos recursos, destacando, entre outros, as terras férteis e as melhores condições climáticas para se assegurar uma produção sustentável.

O ministro da Indústria e Comércio fez esta abordagem na segunda-feira, 24 de Fevereiro, em Maputo, no decurso das visitas às instituições tuteladas pelo órgão que dirige, onde lembrou aos funcionários dos diversos sectores de actividade que “com o desafio que nos foi colocado pelo Presidente da República temos que acelerar com o processo da industrialização”, visto este ser o sector que a curto e médio prazos pode minimizar as importações moçambicanas e melhorar o nível das exportações.

“Nós queremos que a nossa balança comercial registre mais exportações do que as importações. Queremos atravessar fronteiras, porque neste momento não estamos satisfeitos com os níveis da balança comercial”, frisou o governante, que considera que para o início do processo de industrialização, primeiro terá que ser feito um inventário do sector da indústria para se determinar o número das unidades existentes, os seus proble-

**Nós queremos que a nossa balança comercial registre mais exportações do que as importações. Queremos atravessar fronteiras, porque neste momento não estamos satisfeitos com os níveis da balança comercial**

mas e expectativas, para que de seguida se relance o plano de desenvolvimento da indústria nacional que terá como foco o desenvolvimento da agricultura.

A visita do ministro às instituições que tutela abrangeu oito instituições, nomeadamente, a Agência para a Promoção de Investimento e Exportações (APIEX), a Bolsa de Mercadorias de Moçambique (BMM), o Instituto de Cereais de Moçambique (ICM), a Direcção Nacional da Indústria (DNI), o Instituto da Propriedade Industrial (IPI), a Inspec-

## Comercial



## Matrículas para 2020

A Escola Comunitária Luís Cabral- ECLC, informa aos alunos, pais, encarregados de educação e ao público em geral, que ainda tem vagas para matricular novos ingressos da **7<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup>, 9<sup>a</sup>, 10<sup>a</sup>, 11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> classe** por apenas **600,00 meticais**.

**OS ALUNOS DAS CLASSES TERMINAIS FAZEM EXAMES NA PRÓPRIA ECLC**

Podendo obter mais informações na secretaria daquela escola, sita na **sede do bairro Luís Cabral**, entrando a partir da Junta ou Maquinague ou contactar através dos telemóveis: **847700298 ou 826864465 ou ainda 871232355**.



Inundação de machambas

# Manhiça antevê bolsas de fome

**M**ais de 3400 hectares de culturas alimentares no distrito de Manhiça, província de Maputo, estão totalmente submersos na sequência das chuvas que caíram nos últimos dias, um cenário que espelha bolsas de fome naquele ponto do país.

As chuvas que teimam cair no distrito da Manhiça afectaram mais de 10.500 pessoas que viram suas culturas alimentares submersas. Entre as principais culturas destaque vai para o milho, batata-doce, mandioca, feijão, o que já cria desespero nas comunidades que viram a esperança destruída pela fúria das águas pluviais.

O impacto das chuvas, de acordo com o presidente da Vila Autárquica de Manhiça, Luís Munguambe, estendeu-se ao nível de destruição de diversas infra-estruturas públicas e privadas, com destaque para algumas vias de acesso, canais de canalização de água



para o consumo, sistemas de escoamento de águas pluviais, entre outros sectores de fornecimento de serviços básicos.

A gestão autárquica está priorizar a reconstrução de vias de acesso para garantir a transitabilidade das vias, havendo vários pontos de estradas cortadas inviabilizando a circulação das populações e de bens.

“A nossa encosta também sofreu algumas fricções, a Costa Rica, portanto, estamos numa situação muito difícil. A Manhiça que sempre foi centro de produção da batata-doce agora vai parar completamente, os agricultores de Kalunga também estão completamente sufocados, quem está a aguentar é a Maragra que tem bicas de até 6m, e

com bom sistema de drenagem”

## Construção da barragem Moamba-major pode aliviar Manhiça

A fraca capacidade financeira para implementação de medidas de redução de efeitos da erosão e das inundações urbanas e não só, através da construção de infra-estruturas resilientes é apontado pelas autoridades como o que propicia que estas áreas sofram ciclicamente dos efeitos de eventos resultantes de mudanças climáticas.

Como resultado da falta de intervenções de grande vulto, através da construção de infra-estruturas resilientes assiste-se a erosão e inundações urbanas um pouco pelo país, sem excepção do distrito de Manhiça, pondo em causa uma vida condigna das populações.

Os casos são notáveis de canais de escoamento natural de águas pluviais que geralmente se desenvolvem em forma de cratera erosiva, inserindo-se

no meio urbano, atravessando habitações, colocando em risco a vida dos munícipes e dificultando a transitabilidade sobretudo nesta época chuvosa que o país atravessa.

O edil da Manhiça considera que a conclusão da barragem Moamba-Major, ao longo do rio Inkomati, cuja primeira pedra foi lançada em 2014 poderá reduzir significativamente o impacto das chuvas naquele ponto do país.

O empreendimento, segundo entende Munguambe, vai prover capacidade de controlo do caudal do rio Inkomati, reduzindo a sujeição aos efeitos do rio, tanto no período de seca como chuvoso.

“A grande solução tinha que vir com a barragem de Moamba-Major, para contornar as águas do rio Inkomati, e construirmos os sistemas de drenagem para controlar o caudal do rio Inkomati, porque quando há água sofremos de cheias quando não há água sofremos de seca”, precisou.

Cabo Delgado

# Centro de apoio e Orientação ao Empresário ganha nova dinâmica

**O Projecto Mozambique LNG, liderado pela Total, desembolsou cerca de 200 mil dólares americanos para apoiar a reabilitação do Centro de Apoio e Orientação ao Empresário (CORe) de Pemba, bem como o seu apetrechamento em equipamento informático e material de escritório. O apoio ao CORe resulta do memorando de entendimento existente entre o Projecto e o Instituto para a Promoção das Pequenas e Médias Empresas (IPEME), que prevê a utilização dos CORes de Maputo e de Pemba para informação, formação e assistência a pequenas e médias empresas moçambicanas.**

**O** CORe ora reabilitado foi inaugurado pelo Governador de Cabo Delgado, Valige Tauabo, que afirmou “inauguramos este espaço a pensar na transformação estrutural e de longo prazo do nosso sistema produtivo, liderado pelas nossas criativas e resilientes PMEs, com o apoio

de todos os parceiros e amigos de Cabo Delgado em direcção à certificação de massa. Reiteramos a nossa confiança na atenção da Total e parceiros na concretização de oportunidades para as PMES locais”. Segundo Tauabo, a Total tem demonstrado “uma aposta firme nas PMEs de Cabo Delgado”.

Para sua vez, o Director-adjunto do IPEME, José Li-

bombo, afirmou que o CoRE é “uma plataforma para o fornecimento de informação, formação e assistência a pequenas e médias empresas moçambicanas”. Libombo afirmou ainda que a reabilitação e modernização do CoRE é parte do trabalho conjunto que o IPEME e a Total têm realizado e que inclui outras actividades, como por exemplo, o programa piloto de certificação, que abrange actualmente 40 PMEs moçambicanas, sendo 20 em Maputo e 20 em Cabo Delgado, bem como a realização de seminários em higiene, segurança e ambiente no trabalho e de oportunidades de negócio.

Por sua vez, o Director Geral da Total em Moçambique e Vice-Presidente do projecto Mozambique LNG no país, Roman Bescond, afirmou: “Como

um dos maiores actores da área de energia, nós consideramos que temos a responsabilidade de contribuir para o 2 desenvolvimento sustentável dos países que nos acolhem, em particular das regiões onde estamos presentes. Por isso, nós fazemos do desenvolvimento partilhado uma dimensão indissociável do nosso modelo económico. É um princípio que reforça a nossa integração local, contribuindo de maneira sustentável para o desenvolvimento sócio-económico dos territórios que nos acolhem”.

Bescond acrescentou que “maximizar a participação do conteúdo local no nosso projecto é de capital importância. É parte do nosso modelo económico e responde às prioridades enunciadas pelo Governo de Moçambique e outras partes in-

teressadas. Esperamos através do CORe e outras acções em curso, contribuir para o desenvolvimento de empresas moçambicanas de modo a aumentar a sua competitividade para aceder às oportunidades oferecidas pelo nosso projecto”.

O Projecto espera adjudicar contratos de cerca de 2.5 mil milhões de dólares americanos a empresas de capitais moçambicanos ou registadas em Moçambique durante o período de construção de cinco anos. Esta adjudicação representa mais de um terço do contrato total onshore, com a maior parte do remanescente estando a ser usado na aquisição em bens e serviços técnicos altamente especializados que actualmente não podem ser adquiridos em Moçambique”



# Moisés Mandlate: um século dedicado à popularização da Marrabenta

Moisés Mandlate, nasceu em Lourenço Marques em Wandava, onde actualmente se situa o bairro Jardim. Frequentou a Escola Santa Ana da Munhuana, onde em 1936 adquiriu a sua quarta classe. Aprendeu a tocar guitarra na década 40, ainda na juventude, observando e desenhando no papel com os guitarristas Chico Albazine e Arnaldo Mutabana. Moisés posicionava suas mãos nas cordas e quando chegasse em casa praticava usando uma viola emprestada do seu amigo e vizinho.

**D**epois de aprender a tocar, Mandlate fez da guitarra sua fiel escudeira, foi assim que na década de 50 funda a orquestra Djambo, que rapidamente se tornou a mais popular do país. Deve-se a Moisés a épica canção “Elisa Gomara Saia”, que, na altura, foi bastante tocada nas rádios e casas de pasto onde ele actuava com a sua banda. Ainda hoje “Elisa Gomara Saia” continua a ser um verdadeiro hino nacional, sendo dançado e interpretado por artistas de diversas gerações.

Moisés Mandlate exerce grande influência na música moçambicana, principalmente na Marrabenta, não se pode falar da história e surgimento deste estilo musical, sem mencionar o seu nome, visto que completou no passado 4 de Fevereiro cem anos de existência, tornando-se, desta feita, o músico moçambicano mais velho na actualidade. E, pensando na contribuição deste embondeiro da Marrabenta no desenvolvimento da cultura no país, a Universidade Pedagógica de Maputo, (UP-Maputo) na manhã desta terça-feira, 25 de Fevereiro, reconheceu seus feitos prestando-o uma homenagem simbólica, na biblioteca Central.

Na ocasião, o magnífico reitor desta instituição de ensino superior, Jorge Ferrão, enalteceu os feitos de Moisés, considerando a orquestra Djambo como a banda

que idealizou a Marrabenta.

Por sua vez, o antigo Presidente da República, Armando Guebuza, na sua intervenção, destacou o tempo que nas casas ainda se usava Xiphefo (candeeiros), antes da chegada da electricidade. “Moisés cantou essa parte da história”, enfatizou Guebuza, tendo acrescentado que o aparecimento da Marrabenta no seu sentido mais popularizado surgiu com a banda Djambo nos anos 50.

Stewart Sukuma que é um dos responsáveis pela homenagem, confessou ao Zambeze que uma das suas músicas “Xitchuketa Marrabenta”, teve em Moisés e banda Djambo uma inspiração para a sua composição.

Moza Banco, uma das principais parceiras da homenagem, em nome do Presidente do Concelho Administrativo (PCA), João Figueiredo, enfatizou que “somos um povo feliz, porque temos a Marrabenta. Figueiredo considera Mandlate uma lenda viva que ajudou a popularizar a Marrabenta no país e além fronteiras.

Quando o homenageado usou da palavra, apesar de sua secular idade, não poupou esforços para agradecer a todos os presentes. Em breves minutos, Moisés contou algumas peripécias da sua juventude. Com suas palavras repletas de humildade contou-nos que já fora convidado para ser espião a ajudar a prender todos que falassem mal do governo, no



entanto ele recusou-se, mesmo carecendo de emprego na altura. Quanto aos concertos que faziam como banda Djambo, o centenário segredou-nos que apenas recebiam dez escudos por actuação e dividiam o dinheiro entre seus membros.

Houve aqueles que não falaram, mas sim cantaram

como é o caso da artista Elvira Viegas que dedicou uma canção a Mandlate, sem esquecer os rapazes dos Golden Boys (banda composta por artistas moçambicanos com mais de 50 anos) que transformaram a Biblioteca Central da UP-Maputo numa verdadeira catedral da Marrabenta, interpretado

clássicos como “Juro palavra dora” e “Elisa Gomara Saia”.

O evento da homenagem, além das individualidades acima referenciadas, contou com a presença da embaixadora de Portugal em Moçambique, Maria Paiva, familiares, amigos e simpatizantes do músico.

## Comercial

**ANUNCIE NO  
ZAMBEZE**

## Departamento Comercial

**Contactos:** (+258) 82 307 3450  
(+258) 824576070 | (+258) 84 269 8181  
**E-mail:** [esmelifania2002@gmail.com](mailto:esmelifania2002@gmail.com)  
[esmelifania2002@yahoo.com.br](mailto:esmelifania2002@yahoo.com.br)



# Semana de Cinema Africano: A voz dos cineastas do continente em Maputo



XISTO FERNANDO

A Cidade de Maputo vai acolher, entre os dias 27 de Fevereiro e 4 de Março, a quinta edição da Semana de Cinema Africano com o principal objectivo de expor a linguagem cinematográfica do continente e dar a conhecer alguns dos seus fazedores.

**T**rata-se do maior evento de cinema do país, que exhibe filmes africanos contemporâneos

de ficção e longa-metragens. A cerimónia de abertura marcada para o dia 27 será marcada pela estreia da longa do realizador moçambicano João Ribeiro, com o título “Avó Dezanove e o Segredo Soviético”, adaptada da obra do escritor angolano Ondjaki.

O enredo do filme decorre nos anos 80, e fala de uma história de amor e relação profunda que as pessoas estabelecem no espaço em que vivem. O elenco do filme que aparecerá na telona do cinema Scala, fazem parte os actores, Mário Mabjaia, Ana Ma-

gaia, Anabela Adrianopoulos, Adelino Branquinho, Cândida Bila, Filomone Meigos e mais três jovens actores que se estreiam de forma absoluta.

Além de “Avó Dezanove e o Segredo Soviético”, no dia do encerramento da Semana do Cinema Africano, mais um produto nacional entra em acção, trata-se do filme de produção independente “Resgate” de Mickey Fonseca, que já conquistou a simpatia do público.

No programa principal desta quinta edição, está prevista a rotação de sete filmes, seis dos quais em estreia nacional, assim sendo, cinco destes serão exibidos no Centro Cultural Franco-Moçambicano (CCFM). Trata-se do filme, “Mak’ila” que contará com a presença da realizadora congoleza Machérie Ekwa Bahango, de “T-Junction” do Tanzaniano Amil Shivji, com a presença do realizador “Vaya”, do nigeriano Akin Omotoso e “Ilha dos cães” do luso angolano Jorge António.

Fruto de uma parceria com o INICC, nos dias 02, 03, 04 de Março serão rodados três clássicos do cinema moçambicano, que marcaram a história do cinema no país, nomeadamente, “O vento sopra do norte”, “Tempo dos Leopardos” e “Deixe-me ao Menos Subir as Palmeiras”, este último com a presença do realizador Lopes Barbosa.

Ainda nas datas acima referenciadas, três Masterclasses para profissionais e estu-

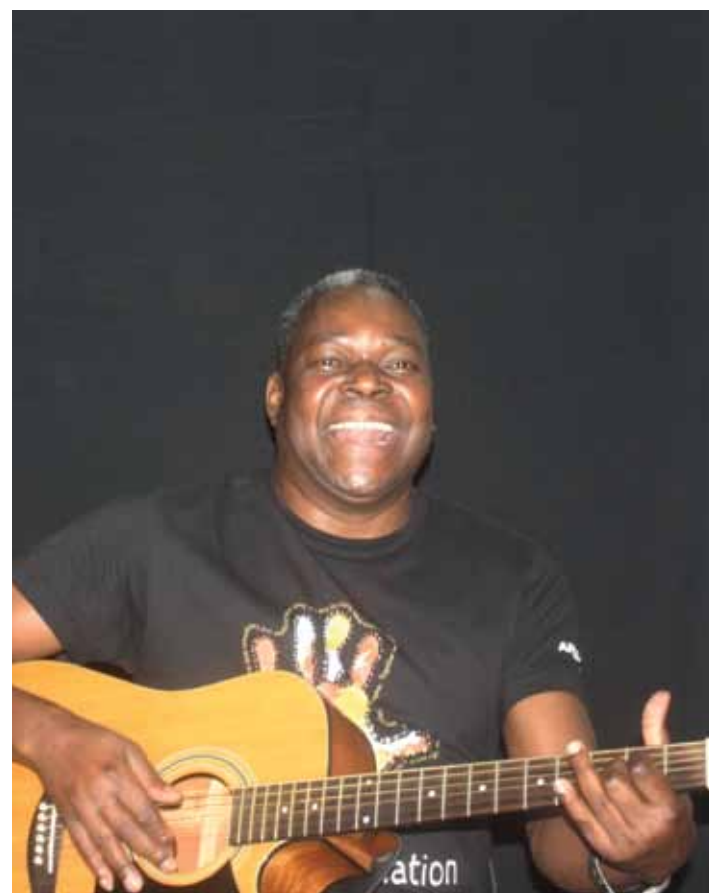
dantes de cinema, duas delas integradas na iniciativa de incentivo à formação de novos actores africanos denominada MultiChoice Talent Factory, trazem especialistas internacionais em produção, distribuição e som Dolby.

E uma vez que as conversas irão sombrear a semana, o auditório da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, é o

local escolhido para as discussões académicas com os realizadores Amil Shivji, Mickey Fonseca e Machérie EKwa.

No dia 29 de Fevereiro terá uma Walking Tour, que consiste em visitas guiadas pelas salas de cinema da baixa da cidade de Maputo, nomeadamente, Gil Vicente e Scala e importa realçar que toda programação da quinta edição do Cinema Africano e de acesso gratuito.

## Por onde andas Tomás Urbano?



Tomás Urbano, nome de referência no panorama musical moçambicano mais concretamente para quem lida com o som na zonasul do país. Residente no bairro do Hule, tendo actuado várias vezes na Feira do mesmo bairro, nalgumas vezes lado a lado de Lemos Sitoe (já falecido), Tomás Urbano vem encantando o maralhal com canções de se lhe tirar o chapéu, sendo a mais badalada a música Matavel e outras tantas de que nos lembramos. Passa já muito tempo que o Zam-

beze não convive com o artista, e isto tem feito mal aos nossos ouvidos, habituados a ouvir coisas de outro jaez. Amado e reconhecido no bairro do Hule, Tomás Urbano também se evidenciou por actuar em localidades distantes das grandes urbes, facto que o fez granjear simpatias nestes lugarejos. Cadê o Tomás Urbano? Decerto que este texto, e com ajuda do José Leão, o Tomás vai nos procurar para aquele abraço que se pretende. Viva o Tomás Urbano! **A. Munguambe**





# **ZAMBEZE**

Sal às quintas

**RIR**

**ONDE A NAÇÃO SE REENCONTRA**

**1 + 1 = 3**

SE VOCÊ NÃO USAR PRESERVATIVO



Silica



Pondeca



Paulo Machava



Amurane



Cistac



Matavele

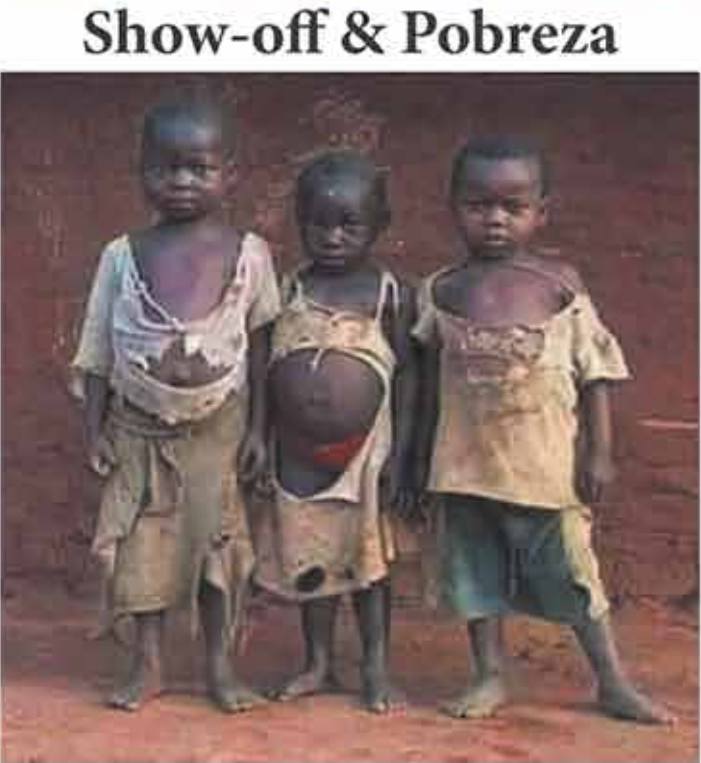


## Última hora

Para o Campeonato de Inhambane, a equipa da PRM goleou a das Organizações Somboco (com Chamboco?) de Inharrime por 3-0.

**Estão a ver como estamos a trabalhar!!!**





CURTE AS CURTAS

**Aumento salarial**

Roberto queria pedir um aumento, mas não tinha coragem. Um dia perdeu o medo e bateu à porta do escritório do chefe.

— Eu sou um empregado há mais de dez anos. Vou directo ao assunto: gostaria de ter um aumento no meu salário. Há duas empresas atrás de mim e por respeito, decidi falar com o senhor primeiro.

O chefe meditou alguns instantes e respondeu:

— Levando em conta isso e

considerando que não quero perder funcionários, estou disposto a aumentar-lhe dez por cento e cinco dias extras nas suas férias. Ok?

— Está ótimo! Obrigado!

Roberto ia a sair, quando o chefe lhe pergunta:

— Só por curiosidade. Quais companhias estavam atrás de você?

— A EDM e as Águas de Maputo!

**Máquina para apanhar gatunos**

Nos EUA fabricaram uma máquina que apanha gatunos.

Fizeram o primeiro teste em New York e em 5 minutos apanhou 150 gatunos.

Depois foram testar na China e em 3 minutos apanhou 3500 gatunos.

Na África do Sul em 2 minutos apanhou 6000 gatunos

Finalmente trouxeram para Moçambique e em 1 minuto roubaram a máquina.



O Desportivo pediu para utilizar o campo do Maxaquene. A resposta do vizinho: “Ai vai a linda urna com que nos presentearam. Usem-na para o aquecimento e treinos”.



**Renovação de  
assinaturas  
para 2020**

# ZAMBEZE

ONDE A NAÇÃO SE REENCONTRA

Av. 25 de Setembro, Nr. 1676 • Cell: 82 30 73 450 • esmelifania2002@gmail.com • Maputo

**Renovação de  
assinaturas  
para 2020**

Pelo menos 12 pessoas morreram em Cabo Delgado

# Surto de cólera “muito próximo de ser controlado”



O Governo moçambicano anunciou que o surto de cólera que matou, pelo menos, 12 pessoas em Cabo Delgado está quase controlado, assinalando a abertura de três centros de tratamento criados para tentar travar a doença.

“A situação está a estabilizar-se e nos últimos dias tivemos apenas o registo de 12 novos casos, um número reduzido comparado aos números que estávamos a registar nos dias anteriores”, disse Filimão Suazi, porta-voz da 6ª sessão ordinária do Conselho de Ministros, momentos após da sessão do órgão em Maputo.

No total, até agora, as autoridades moçambicanas registaram 297 casos nos distritos de Mocimboa da Praia, Macomia e Ibo, regiões que têm sido afec-

tadas pelo mau tempo que se regista em Cabo Delgado, tendo deixado uma parte da província isolada com corte da principal estrada do norte da província.

Filimão Suazi disse que as autoridades montaram três centros de isolamento e tratamento, como parte das estratégias para travar o surto na província.

Os serviços de saúde da província estão também a fazer campanhas de sensibilização, limpeza e distribuição de purificadores de água, visando reduzir o impacto do surto da cólera em Cabo Delgado.

“A situação está muito próxima de ser controlada”, concluiu.

O mau tempo que se regista na província afectou mais de 10 mil pessoas, além de destruir várias infra-estruturas, com destaque para o desabamento da ponte sobre o rio Montepuez.

Entre os meses de No-

vembro e Abril, Moçambique é ciclicamente atingido por ventos ciclónicos oriundos do Índico e por cheias com origem nas bacias hidrográficas da África Austral.

A actual época das chuvas em Moçambique, de Outubro a Abril, já matou 54 pessoas, devido a desastres naturais (sobretudo raios e inundações), e afectou cerca de 65 mil, muitas com habitações inundadas, segundo dados do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades.

## Moatize e Vilanculos ganham estatuto de cidade

Ainda no decurso da 6ª sessão do conselho de ministros, o Governo decidiu elevar à categoria de cidade as vilas de Moatize e Vilanculos, devido ao desenvolvimento socioeconómico nos locais, dis-

ro de habitantes e ao grau de desenvolvimento económico”, explicou Filimão Suazi, porta-voz do Conselho de Ministros em Maputo.

De acordo com o porta-voz do Governo, a vila de Moatize, na província de Tete, centro do país, conta com mais de 64 mil habitantes e mais de metade é descrita como “economicamente activa”.

“Decorre em Moatize actividade de exploração de minerais, há turismo, unidades hoteleiras, unidades industriais, bombas de combustível, comércio”, detalhou.

A mineradora brasileira Vale é uma das empresas que explora carvão em Moatize.

Vilanculos é um distrito da província de Inhambane, Sul de Moçambique, conhecida por uma intensa actividade turística.

O governante explicou que Vilanculos tem 55 mil habitantes, desenvolvimento económico, pesca e turismo, o que justifica a sua elevação a cidade.

